

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO III - Nº3
PIRACICABA - 2011

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano III – N° 3
Piracicaba – maio de 2011

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras, fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini, CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781, CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:
Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 - CEP 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A
13400-120 Piracicaba SP
E-mail: aasantos@uol.com.br

CONSELHO EDITORIAL:

†Antonio Henrique Carvalho Cocenza
Elias Salum

Gustavo Jacques Dias Alvim

Mons. Jamil Nassif Abib

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Myria Machado Botelho

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

ARTE DA CAPA:
Marcel Yamauti

DIAGRAMAÇÃO:
Genival Cardoso

IMPRESSÃO:
Gráfica Printfit
Rua Alferes José Caetano, 706 - Centro
Piracicaba-SP

APRESENTAÇÃO

Algumas palavras de apresentação, para o terceiro número da nossa Revista que, graças a Deus, vai se firmando como publicação semestral, apesar das dificuldades e problemas que nunca faltam...

A APL continua sua atuação, procurando, em toda a medida de suas forças, colaborar com a cultura piracicabana, para incremento das letras e das artes na nossa querida cidade.

Nos seis meses que nos separam do lançamento do número 2 da Revista, tivemos a tristeza de perder três companheiros nossos, muito queridos, os Acadêmicos Hugo Pedro Carradore e Antonio Henrique Carvalho Cocenza e, ainda há poucos dias, a Acadêmica Maria Emília Leitão Medeiros Redi. Que Deus tenha, em sua misericórdia infinita, suas almas. Os três deixam um imenso vazio entre nós e muitas saudades.

Para a substituição dos ilustres finados nos quadros da APL, visando à necessária e constante renovação da entidade, foram lembrados três nomes, os quais já foram endossados por moção da maioria absoluta dos membros com direito de voto. São os novéis Acadêmicos Marisa Amábile Fillet Bueloni, Valdiza Maria Caprânico e Toshio Icizuka, que deverão tomar posse no mês de julho próximo.

Fica desde já estabelecido que para as próximas substituições se observará um regimento em vias de redação, o qual determinará que, quando se abrirem vagas, os candidatos interessados serão convidados por Edital a se apresentarem com seus currículos e exemplares de seus escritos publicados, para serem examinados pelos votantes e devidamente apreciados. O Edital será publicado na imprensa piracicabana, de modo a chegar ao conhecimento de toda a nossa população e poder atrair para a APL novos talentos, mesmo que sejam pessoas não indicadas previamente pelos atuais acadêmicos. Em data pré-estabelecida proceder-se-á à eleição dos candidatos que se tiverem apresentado para ocupar a cadeira vaga. Na cédula constarão todos os candidatos que se tiverem apresentado, e cada eleitor, depois do maduro exame dos currículos, sufragará o candidato que julgar mais adequado.

O objetivo desse procedimento é tornar aberto, democrático e o mais possível transparente o procedimento para a renovação de nossos quadros, de forma análoga, aliás, à empregada pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia Paulista de Letras, entidades maiores e mais antigas em cujo exemplo nos inspiramos.

A APL está, pelo terceiro ano consecutivo, oficialmente integrada ao Prêmio Escriba de Literatura, cuja comissão organizadora é mais uma vez coordenada pelo Acadêmico Felisbino de Almeida Leme – por convite da Profa. Rosângela R. Camolese, Secretária Municipal da Ação Cultural. Neste ano, pela primeira vez é contemplada a categoria de Crônicas, por sugestão apresentada no ano findo, pelo Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, que foi aceita e convertida em lei municipal. Fazem parte da Comissão Organizadora do Prêmio, neste ano, além do seu citado coordenador, a Acadêmica Leda Coletti e os Acadêmicos André Bueno Oliveira e Waldemar Romano.

A Academia continua participando ativamente da vida cultural e cívica da Cidade de Piracicaba, fazendo-se representar por diretores seus em numerosas atividades públicas. Também fora da Cidade, em eventos realizados por outras entidades análogas, a entidade vem sendo regularmente representada por acadêmicos.

Continua on line, fazendo grande sucesso e sendo acompanhado diariamente por muitos leitores, nosso blog (academiapiracicabana.blogspot.com) – mantido com dedicação e muito bom gosto pela Acadêmica Ivana Maria França de Negri.

Diversos acadêmicos lançaram, nos últimos meses, livros que aqui registramos com satisfação, porque demonstram a fecundidade literária de nossos companheiros:

A Acadêmica Marly Therezinha Germano Perecin lançou em fevereiro, em coautoria com a profa. Valdiza Maria Caprânico, uma série de dez opúsculos paradidáticos, destinado a leitores jovens, “menores de cem anos de idade” sobre a história, a cultura e as tradições de Piracicaba. Os títulos da série: “O meu amigo Tamboril”, “O Diário de uma Onça Pintada”, “O Show do Rio”, “A Festa do Divino”, “O XVÃO”, “Vãos de Liberdade”, “Doces Sabores de Nossa Terra”, “Piracicaba Cheia de Flores”, “O Parque da Beira-Rio” e “O Rio de Piracicaba”.

O Acadêmico Armando Alexandre dos Santos lançou, ainda no mês de fevereiro, um estudo histórico intitulado “Dialética pró e contra as Cruzadas em documentos do século XIII”, no qual apresenta informações e comentários muito pouco conhecidos, acerca daquele período histórico. E deve ser lançada proximamente na Espanha, pela editora da Universidade de Alicante, uma outra obra em que o mesmo Acadêmico teve participação. Trata-se da primeira tradução, para o português moderno, do romance de cavalaria “Curial e Guelfa”, escrito no século XV e traduzido do catalão medieval para nosso idioma pelo Prof. Ricardo da Costa, professor da Universidade Federal do Espírito Santo. Nosso companheiro colaborou na revisão da versão portuguesa da obra e redigiu uma das três introduções dela.

A Acadêmica Leda Coletti lançou em abril seu livro “Eu, educadora”, reunindo trabalhos diversos de sua lavra e comunicando assim, aos leitores, sua imensa experiência, adquirida durante sua vida profissional como educadora e mestra.

E, por fim, o Acadêmico André Bueno Oliveira acaba de lançar, no corrente mês de maio mais uma primorosa coletânea de belíssimos poemas de sua autoria, sob o título “Herança de poeta”.

Pedimos encarecidamente que todos os Acadêmicos mantenham nosso editor informado sobre suas atividades (lançamentos, premiações etc.) para que possamos, nos próximos números da revista, divulgá-las, de modo a ser esta seção informativa bem completa.

Agradecemos de coração a cooperação de todos e nos despedimos, com cumprimentos cordiais e votos de muita inspiração e fecundidade literária para o próximo número — o quarto — da nossa Revista, a sair em novembro deste ano.

Piracicaba, 31 de maio de 2011

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Presidente

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ALEXANDRE SARKIS NEDER
Cadeira nº 13 - Patrono: Dario Brasil

Bandeira

A bandeira levantou
aquele dia cedo.
Todos que estavam lá,
sentiam medo.

Eles estavam de esperança,
mas de esperança só na cor.
Na verdade lhes faltava ego,
na verdade lhes faltava amor.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira n° 14 - Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

SER CIDADÃO É...

*“Casas entre bananeiras,
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham”.*

.....
(Carlos Drummond de Andrade)

Missão cumprida! Dois anos de labuta e finalmente mais um Certificado nas mãos. Não sei explicar o porquê, mas sempre tive um certo receio da Pós-Graduação. Quando chegamos aqui em Wooster, a “Ohio State University” (OSU) parecia uma íngreme montanha. Intransponível! Mas com a paciência de todo e qualquer alpinista, eu a fui conquistando. Palmo a palmo, passo a passo, metro por metro. E orgulhosamente, levo meu troféu para casa. A prova da escalada! Amanhã mesmo embarcamos em Chicago, com escala em Miami e daí...Brasil à vista!!! Graças a Deus! Não aguento mais o frio desta região centro-norte. Marisa adora. Eu detesto. Ela diz que é um clima maravilhoso para degustar os bons vinhos. Eu já prefiro o calorão do Brasil e as loiras geladas. Karina não diz nada. Também, com três aninhos apenas, ainda não está em condições de opinar. O importante é que amanhã partimos, e depois de amanhã, antevéspera do Natal, estaremos lá com nossos familiares, em minha cidade. Sim! Minha cidade grande! Digo minha, porque foi nela que passei minha infância, minha juventude. Minha, porque nela fixei residência e lá está a maioria de meus amigos. É nela que moram meus pais e os de Marisa. Me conduziu ao caminho da

sabedoria, dando-me um diploma de Curso Universitário. Minha, porque me ofertou Marisa por esposa, e também por ter sido o palco de um presépio vivo, onde vi nascer nossa pequerrucha Karina! Não que eu esteja menosprezando minha cidade natal! Nada disso. Absolutamente, não! Mairinque é um docinho! De vez em quando ainda passo por lá para visitar vovó Zumira que já está velhinha. E também para rever a casa onde mamãe enterrou meu umbigo. Ela gostaria que ficássemos lá eternamente, enquanto vivêssemos. Papai trabalhava na Estrada de Ferro Sorocabana. A casa onde morávamos era grande. Tinha três quartos enormes. Vovó e vovô moravam com a gente. Aliás, a ideia de enterrar meu umbigo no quintal, segundo mamãe, foi justamente de vovô. Seo Zé Bigode! Grande José! Metido a cururueiro. Nada me lembro dele, mas papai me conta que era um bom cantador. Bom perante os concorrentes de Mairinque, lógico, pois nas redondezas, alguns nomes famosos o amedrontavam. Jamais arriscaria uma disputa com eles. Seu palco era mesmo nos botecos, nos churrascos com os amigos, na cancha de bocha e até, de vez em quando, nas quermesses da Igreja Matriz de São José. Também era apaixonado pela dupla Tônico e Tinoco. Segundo papai, ele conhecia quase todo o repertório deles. Dedilhava razoavelmente bem sua violinha caipira, e nos duetos fazia sempre a segunda voz. Qualquer um lhe servia de parceiro, desde que tivesse voz aguda para fazer a primeira. Porém, sua satisfação maior era ser acompanhado pelo violeiro Tião Canário. Esse era o melhor de todos. E o apelido Canário, não era porque cantasse, mas sim por ser passarinho. Melhor amigo de vovô, que também tinha uma predileção por canários-da-terra, curiós e pintassilgos. Sem resultados, vovó – que era uma defensora ferrenha da Flora e da Fauna – persistia em discutir com ele por causa disso. “*Sorta os bichinho, Zé! Sorta eles lá na capoeira do corgo Tijuco. Dá liberdade pros coitadinho!*” Mas que nada! Seo Zé Bigode ganhava uns bons trocados em suas negociatas. Imagina que iria soltá-los! Jamais! E sempre encontrava um bom argumento. “*Larga de falá bestera, muié. Se eu sortá, os coitado morre tudo de fome! Eles não sabe mais procurá comida!*”!!! Até hoje papai se empolga ao narrar as façanhas do vovô Bigode.

Quando saímos de Mairinque eu tinha apenas quatro anos. Papai recebeu uma promoção da Sorocabana, que exigia também uma transferência de cidade. Foi quando deixamos nossa “*village*” para encarar a “*Cidade Grande*”. Vovó e vovô ainda ficaram lá. No

ano seguinte, porém, ele veio a falecer. Enfarte do miocárdio. Fulminante! Papai dizia que era chegado a uma gordurinha. Principalmente aquela que enfeita as picanhas. Coitado! Era daquele tipo de pessoas que só ia a médicos, caso sentisse alguma dor insuportável, ou visse muito sangue escorrendo. Como aparentemente tinha uma saúde de aço, nunca fora a médico algum. Talvez pela pouca idade que eu tinha, não consigo puxar dos arquivos de minha mente algum acontecimento, algum fato, ou algo que tivesse ressaltado o convívio dele comigo. Não consigo. Apenas o vejo em fotos, mas nada de lembranças. De vovó, sim! Depois que ficou viúva, tia Marta, tio Chico, mais as filhas Lurdinha e Miriam, (ah! que primas lindas!!! crianças inocentes, brincávamos de namorados...) foram morar com ela. E nós íamos frequentemente passear na casa de vovó. Principalmente durante a safra de milho verde. Ninguém fazia um curau ou pamonha como vovó. Ninguém! Sou suspeito para dizer isso, mas a vizinhança toda elogiava dona Zumira por esse dom especial. E o bolo de milho, então? Sem comentários! Também pudera! Ela o fazia no fogão a lenha, que ficava dentro da própria cozinha! Às vezes fazia uma fumaceira danada!

Por tudo isso, ou pelo pouco que isso represente, não posso esquecer Mairinque. É minha *terra-mãe-biológica*, mas não me criou, não me viu crescer, não me viu viver! Nada me deu, além de uma Certidão de Nascimento e estas saudosas reminiscências.

Mas não é para lá que vou retornar. A “*village*” ficou para trás. Vou voltar à minha “*cidade grande*”. Minha grande cidade! Onde o asfalto se prostra nas ruas e avenidas, oferecendo-se como tapetes negros àquela enorme quantidade de veículos que desfila incansavelmente, ao som das buzinas, que desafinam num descompasso insuportável com os chiados agudos das freadas bruscas. É para lá que voltarei! Onde prédios de apartamentos brotam da terra como sementes plantadas durante a noite, e no dia seguinte, como por milagre, lá estão: eretos, imponentes, coloridos, contemplando os céus e querendo apalpar as nuvens baixas. Lá, onde a busca pelo saber acorda de manhãzinha juntamente com os pássaros, e a algazarra e o vozerio agudo das crianças (também em bando) ecoam pelas praças e ruas circunvizinhas às escolas e colégios. Vou voltar e rever aquelas praças saudosas, onde os bancos dos jardins nos encaram de frente e causam a impressão que se lembram da gente! Que já fomos companheiros! Onde as flores parecem as mesmas de an-

tigamente, plantadas nos mesmos lugares como se fossem imortais, eternas, sempre sorridentes a nos dizer bom dia quando passamos por elas. Voltar e rever a agitação da vida industrial, representada pelo barulho ensurdecedor das máquinas e pelas fumaças saindo das chaminés das fábricas, poluindo sim nossa natureza, — mal inevitável, infelizmente — mas provendo o sustento das famílias. Caminhar pelas ruas centrais e ver o comércio vivo aquecendo o sangue de toda a população, que busca cada vez mais um melhor conforto à sua vida. Voltar, enfim, e matar a saudade de tudo o que existe em minha cidade. Minha grande cidade! Matar a saudade de seu rio, maravilhoso na época das chuvas. De seu “Salto” volumoso e gigantesco visto do “Mirante”. Da Rua do Porto, com seus bares, lanchonetes e restaurantes, à margem esquerda do rio. E principalmente, da ESALQ: a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. A minha escola. Aquela que me acolheu durante os melhores cinco anos de minha vida. E quero também rever a minha árvore. Sim. A nossa frondosa árvore. A árvore de minha turma: a “Laranjeira-da-mata”. A pomposa *Zollernia ilicifolia*, que com minhas próprias mãos ajudei a plantar. A última vez que a vi, devia estar medindo uns oito metros de altura. Vou mostrar a ela meu novo diploma, abraçá-la carinhosamente e desejar-lhe uma saudável longevidade. Pelo menos mais uns cinquenta anos! E vou acrescentar: “*quero estar vivinho da silva para celebrarmos juntos esse aniversário*”. Em seguida, ao me retirar do campus da Universidade, quero vagar a esmo pelas ruas e avenidas da cidade, cantarolando baixinho aqueles versos maravilhosos que eu e Marisa entoamos com frequência aqui nos Estados Unidos, quando a saudade pega pra valer: “*...ninguém compreende a grande dor que sente, o filho ausente a suspirar por ti...*”

Mairinque pode ter ficado com meu umbigo, mas tudo o que ainda resta em mim, deixarei lá em minha cidade. Minha linda Piracicaba! Minha “*cidade grande*”! Tão grande quanto o amor que por ela sinto.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Um Dia

Cansado de muito vagar,
sentei-me à beira-mar,
e me pus a ver o mundo

O sol rompendo nuvens no horizonte,
bailando sobre os montes.

O ondular das águas,
a certeza da vida,
revoada de pássaros
invadindo o espaço...

Vejo corpos procurando
corpos...
Vidas procurando
vidas...

Natureza

Escureceu o firmamento; nuvens negras voluteavam, açoita-
das pelo vento.

Relâmpagos rasgavam o céu, trovões faziam a terra tremer!

Depois tudo silenciou... e veio a chuva..., gotículas miraculo-
sas banharam a terra ressequida.

Assim como a chuva, lágrimas banharam uma face enrugada,
amargurada pela ingratidão e abandono.

Saudação à Primavera

Canto a tua chegada,
Oh! Bela florada;
inebrias os olhos de
quem vê!

Flores jovens, tremulando,
ao suave toque
do vento ameno,
no amanhecer.

Que emoção misteriosa,
este alvorecer!

Gotículas de orvalho
cobrindo a relva.
Murmurar do manso
regato que serpeia a selva.

Gorgeio dos pássaros,
melodia maviosa.
Chilreada nos ninhos,
filhotes que nascem.

Nesta sinfonia da vida,
qual notas procurando notas,
pra harmonizar a melodia.
Suave perfume exala,
inebriando toda
— campina.

Despedida

Amor esplêndido vibrante,
ardente, belo rubra rosa.
Carícia suprema,
despedida silenciosa.

Essa que fez brotar um amor dardejante,
no espírito uma tormenta dolorosa.
Penetrando em mim impetuosa,
trago-a no peito bela e fascinante.

Em meu cérebro pensamentos dispersos.
Chamas queimam o peito e meus versos.
Oh! meu Deus, já não consigo sorrir,
desilusões vêm minh'alma ferir.

Outono

Tarde fria!
Escurece o firmamento;
lufadas intermitentes
trazem nuvens em pranto,
saciando sede da terra,
e tenras plantas germinando.

Desfila o tempo!
Da jovem árvore florida,
bailada por colibris,
farfalham as folhas liradas,
açoitadas pelo vento;
as flores chovem ao solo
salpicando chão flóreo.

Quando tão bela florada acabar,
não sei quem mais sentirá:
Eu, ou os colibris!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS NEDER
Cadeira nº 15 - Patrono: Archimedes Dutra

Desobstrução arterial

Muitas vezes nossas artérias lembram canos velhos de metal, que enferrujam com o tempo e acumulam resíduos até entupirem por completo. Por analogia é mais ou menos o que ocorre nas doenças que danificam os vasos sanguíneos.

A arteriosclerose é associada a dezessete milhões de morte no mundo por ano. Marcada pela formação de placas de gordura que impedem a passagem do sangue, a arteriosclerose em geral é fatal, quando afeta as artérias do coração, ou do cérebro, órgãos que resistem apenas poucos minutos sem oxigênio.

Parece paradoxal, mas pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul descobriram que um tipo de hormônio produzido pelo organismo, com estrutura similar à das gorduras, as prostaglandinas, pode auxiliar no tratamento e até na prevenção do problema.

Utilizando-se prostaglandinas, a equipe do bioquímico Paulo Ivo Homem de Bittencourt Júnior produziu um composto que, em experimento com camundongos, mostrou-se capaz de dissolver placas de gordura que acumulam nas artérias — os ateromas, como dizem os médicos. Essa formulação, que recebeu o nome provisório de Lipocardium, também impediu a formação de placas, consequência do consumo de alimentos gordurosos, do tabagismo e do sedentarismo.

Caso se demonstre a segurança e eficácia desse composto, nos futuros testes com coelhos, cães e seres humanos, é possível que em até dez anos chegue às farmácias um medicamento novo para evitar a formação de placas que impedem a circulação normal do sangue.

Fabricadas em pequenas quantidades no interior das células, as prostaglandinas formam uma vasta família de moléculas pequenas — cada uma delas com ações distintas nas diferentes partes do corpo, que vão desde o controle da pressão arterial até a ativação do centro cerebral da dor.

Como resultado, os lipossomos mergulhados no sangue se enroscam nas moléculas de adesão ao passarem pelo ferimento e, como o cavalo recheado de guerreiros que os gregos ofertaram aos troianos, são absorvidos pelas células avariadas. Assim, as prostaglandinas atuam apenas no ponto desejado sem gerar efeitos indesejáveis. Eis a principal diferença entre o composto desenvolvido pelos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e os outros medicamentos usados no combate à arteriosclerose — as estatinas, por exemplo, que atuam de outra forma e reduzem o risco da arteriosclerose porque inibem a produção de colesterol, em especial no fígado. “Além de usado para tratar a arteriosclerose, o composto à base de prostaglandina talvez possa prevenir a formação de ateromas nos casos em que há histórico familiar de colesterol alto” — diz Homem de Bittencourt, que já obteve o registro da patente da nova formulação no INPI — Instituto Nacional de Patentes Industriais.

Enquanto essa nova medicação não entra no mercado, devemos nos resguardar, visitando periodicamente o consultório médico e, por certo, sairemos de lá com pedidos de exame-controle, visando o colesterol, a glicemia, os triglicérides, além do hemograma completo.

Para completar esses cuidados, haverá sempre, independente dos resultados dos exames laboratoriais, atenção especial com a alimentação gordurosa, tabagismo, alcoolismo, dieta de sal e açúcar, além de evitarmos o estresse e o sedentarismo.

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO HENRIQUE
CARVALHO COCENZA (IN MEMORIAM)**

Cadeira nº 4 - Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Em homenagem póstuma a Antonio Henrique Carvalho Cocenza, reproduzimos alguns trechos da entrevista que concedeu, em 21 de agosto de 2004, ao também acadêmico João Umberto Nassif, no programa "Piracicaba, Histórias e Memórias".

Ele possui um humor refinado, um trocadilho na hora certa, inteligência e raciocínio rápido. Usa as palavras com precisão cirúrgica. Suas crônicas são saborosas. Um verdadeiro mestre. Advogado, farmacêutico, professor universitário, Presidente da Academia Piracicabana de Letras, membro do Clube dos Escritores, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, da OAB. Estamos recebendo nos Estúdios da Rádio Educadora de Piracicaba, 1060 khertz, AM, o Prof. Dr. Antonio Henrique Carvalho Cocenza.

Estamos recebendo este piracicabano de Minas Gerais aqui nos estúdios da Radio Educadora de Piracicaba.

Você acertou dizendo que é mineiro piracicabano, porque eu vim para cá com 32 anos de idade, estou aqui há 36.

Você nasceu onde?

Meu pai conheceu a minha mãe em um casamento que foi realizado em Aparecida do Norte. Meu pai morava em Cristina e minha mãe em Paraisópolis. Dali começou o namoro, e minha mãe, que era criada por uma tia, mudou-se para Cristina. Ali continuaram o namoro e casaram. Quando a minha mãe ficou me esperando, precisou fazer cesárea, em Cristina não tinha naquele tempo parteiro, hoje obstetra, teve que ir para a casa do pai dela, a mãe dela tinha morrido, em Paraisópolis. Então eu nasci em Paraisópolis, mas quando eu abri os olhos já estava em Cristina. Por isso me considero cristinense. Tenho dupla nacionalidade! (risos). Meu pai começou a vida como barbeiro, depois começou a comprar milho, comprar fumo, depois comprou uma fazenda, começou a tirar leite e viver da agricultura e do comércio. Tenho um irmão, é fazendeiro em Avaré.

Tenho dois filhos, um tem uma Lan House e é técnico em infor-

mática, outra é advogada, está prestando concurso para cargo público.

Quando você descobriu que gostava de escrever?

Nossa! Isso se perde na escuridão do tempo! Ler, eu comecei a gostar quando uma tia me deu um livro do Monteiro Lobato, O Minotauro. Comecei a ler aquilo e me interessei. Tinha uns 8 anos mais ou menos. Comecei a ler, tudo que me caia nas mãos eu lia. Ai meu pai comprou o resto da coleção Monteiro Lobato. Monteiro Lobato foi o meu iniciador pelo gosto da literatura. A primeira coisa que escrevi na minha vida foi um discurso para a esposa do diretor do ginásio em que eu estava estudando em Itanhandu. Ela era uma senhora muito boa, era uma senhora belga, ele também era belga, era aniversário dela, todo ano faziam uma festa e me escolheram porque eu era um bom aluno em português, me escolheram para fazer um discurso em homenagem a ela representando os alunos do segundo ano ginásial. Todo mundo gostou do discurso. Daí comecei a escrever, tirava sempre nota alta nas redações, o professor era muito exigente, praticamente não encontrava grandes erros nos meus textos e eu fui gostando de escrever.

Existe uma receita para se tornar escritor?

É a mesma coisa do indivíduo que quer ser agricultor. Ele tem que plantar. Ele tem que ler muito. Ler bons autores. Ler autores razoáveis. Sentir como é que se escreve. Ter idéias e conseguir transportá-las para o papel. Mas o principal é a leitura. Para você criar uma sequência lógica no que você tá contando. E com isso aí também a parte gramatical vem junto. Mas se você não plantar, se você não tem leitura, se você não tem o hábito de ler, dificilmente você será um escritor, não vai passar de um escritorzinho razoável.

Tem aquele pessoal que gosta de buscar nomes no dicionário, referências importantes, filósofos, para citar no trabalho e na verdade conhece a obra superficialmente?

Exato. Eu até publiquei no jornal dois textos, chamados Excertos dos Grandes Mestres. Eu peguei um trecho de Santo Agostinho, um trecho de Goethe, um trecho de Weber, e coloquei um atrás do outro sem a menor ligação, e embaixo escrito: *É ótimo para citar em conversas de bar, de fila de banco, fila de ônibus, em discussões nas es-*

quinas e dá a impressão a seus amigos que você é um intelectual, que você leu tudo aquilo. Decore isso e use! (risos)

Quantas obras você tem publicadas?

Eu tenho três obras publicadas, fora apostilas que fiz para cursinhos, colégios. Livros mesmo escrevi três. Escrevi *Antes Que Me Esqueça*, que é um livro quase igual a este que estou lançando agora (*Baú velho, um relicário de saudades*), contendo crônicas, contos, causos, e em 1967 escrevi um livro didático chamado *Deontologia e Legislação Farmacêutica*, para o curso de farmácia da Unimep, onde fui o primeiro professor de Deontologia e Legislação Farmacêutica. Sou farmacêutico formado em 1959. É difícil encontrar um farmacêutico advogado. Para dar Deontologia tinha que ser farmacêutico. E para dar legislação seria interessante que fosse um advogado. Essa combinação é difícil. Eu acho que fui escolhido porque eu era o único que reunia as duas qualidades.

Você está hoje fazendo aqui, nos Estúdios da Rádio Educadora de Piracicaba, o pré-lançamento do livro *BAÚ VELHO, UM RELICÁRIO DE SAUDADES*. Você pode nos brindar com um dos causos que estão nesse livro?

Em Cristina havia uma professora chamada Dona Ernestina, ela foi aposentada pela compulsória, tinha 70 anos quando se aposentou, nunca faltou a uma aula, aliás faltou a dois dias de aula, quando morreu o primeiro marido dela, e quando morreu o segundo; como o funcionário público tem 7 dias de gala quando casa e 7 dias de nojo quando morre alguém, olha que nome feio, dia de nojo, então ela não quis se aproveitar dos 14 dias, ela disse que os alunos não tinham nada a ver com os problemas pessoais dela, então ela faltou no primeiro por que tinha que ficar com o corpo, por que o velório lá ainda é na casa do falecido, não tem velório na Santa Casa, não tem velório no hospital, o velório é na casa da pessoa que morreu. Ela um dia morreu. A casa ficou cheia, todo mundo tinha sido aluno dela, o padre chegou para encomendar, os círios acesos, e o João Felpudo, que a turma lá chama de João Ferpudo (lá também troca o ele pelo erre, como aqui), então o João Ferpudo queria entrar, e a turma não queria deixar porque ele estava bêbado. Mas ficaram com dó, acharam que ele também tinha sido aluno dela,

queria dar a última olhadinha nela, deixaram entrar. Quando ele olhou as quatro velas acesas ele começou a bater palma. Parabéns pra você...!!! Ai pegaram ele e levaram para fora. Ele caiu no meio da rua e disse: — Vocês podem não querer que eu fique ai, mas que essa véia não tinha só quatro anos não tinha!

A dona de casa depois de muito cozinhar acaba se tornando exímia cozinheira; com o escritor acontece a mesma coisa?

Acontece. Nos primeiros tempos em que fazia uma crônica (eu comecei aqui em 1974, no Jornal de Piracicaba), eu colocava uma folha na máquina de escrever, demorava para sair, mas demorava mesmo, ficava dois dias martelando alguma coisa, o canto ao lado da máquina ficava cheio de papel amassado que eu acabava não gostando. Eu sou muito rigoroso com aquilo que eu faço. E depois, com o passar do tempo, hoje alguém pede para eu escrever qualquer coisa eu ponho o papel na máquina, 10 minutos, 15 minutos depois, conforme a extensão do texto está pronto!

O que leva o ser humano a escrever?

A vontade de transmitir para alguém aquilo que se ele não transmitisse ficaria restrito a ele. É aquela história da Bíblia que ninguém acende uma vela para colocar embaixo da cama. Acende a vela e coloca em um lugar bem alto que é para iluminar o ambiente. Os jornais só trazem notícias desagradáveis. É assalto, estupro, roubo, violência, aumento de coisas. Tem que ter uma espécie de oásis para a turma se divertir, se distrair, então eu escrevo esses textos mais ou menos humorísticos, leves, justamente para tentar equilibrar a violência, os textos sérios, os textos escritos em economês, que ninguém entende. A gente escreve para passar para os outros aquilo que morreria com a gente.

Qual é a hora do dia que você produz mais?

Parece incrível, mas é à noite. Meia noite, uma hora da manhã. É a hora que eu termino de ouvir os noticiários da televisão. Eu posso dizer para você que vou para a cama sem o Jô (Jô Soares), eu acho o Jô insuportável, ele quer falar mais do que o entrevistado, quando o entrevistado esta sendo brilhante ele interrompe com perguntas idiotas, fala sobre sexo, ele não admite que ninguém apareça mais do que ele! Ele está se tornando irritante. Um dia eu mandei

um e-mail para ele dizendo: Obrigado pela entrevista que você concedeu ao fulano de tal! O entrevistado é alguém que tem alguma coisa para dizer. Não é o entrevistador que tem alguma coisa para dizer.

Quais são as três coisas que você mais deseja atualmente?

As três coisas para mim se resumem em uma só: saúde, saúde, saúde! Eu sou enfartado, artrítico, hipertenso e diabético! (risos). Tomo 14 comprimidos por dia!

O que você baniria da cidade de Piracicaba?

As fofocas. Você conversa com alguém na rua, ele diz: Você lembra? Há cinco anos atrás... fez isso...! Há dez anos atrás fez aquilo...!!! Mas espera lá! Cinco anos, dez anos, quinze anos... se fosse um crime já tinha cumprido a pena.

Isso não dá um livro muito interessante?

Dá ...!!! Por isso vai sair esse livro depois da minha morte! Eu estou escrevendo um sobre mim mesmo, chama-se **AUTOBIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA**. Eu estou falando não autorizada, porque geralmente uma pessoa que tem uma certa fama pede para alguém escrever a biografia dele. Quando ele lê e a pessoa que escreveu foi além do que ele disse, ele fala: — Eu não autorizei! Então, *Autobiografia não autorizada* é uma criação minha. Existe Biografia não autorizada da Lady Di, Biografia não autorizada do Kennedy, a minha é Autobiografia não autorizada, eu mesmo não estou me autorizando a escrever aquilo...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira nº 16 - Patrono: José Mathias Bragion

Homenagem ao meu Patrono⁽¹⁾

José Mathias Bragion, que também assinava J. Mathias Bragion, nascido em Piracicaba-SP em 1926, foi professor, contador, escritor, poeta, articulista, contista e cronista. Casou-se em 1956 com Maria Dalva Pretti Bragion, professora, e tiveram seis filhos. Faleceu em 1994.

Passou sua infância nas cidades de Rio Claro e Bauru, retornando na adolescência para sua terra natal, onde iniciou seu envolvimento literário.

Fez seus estudos em Piracicaba na Escola de Comércio Cristóvão Colombo, curso de contabilidade. E, na Escola Martha Watts, formou-se no curso de magistério em 1953, cursou administração escolar em Tietê-SP, anos 1960-1961. Em Campinas, na PUC, ingressou com brilhantismo no curso de Direito, 1964, mas não frequentou porque percebeu sua aptidão para letras. Desde cedo iniciou seus escritos (palavra usada por ele) escrevendo poesias, artigos, crônicas, contos.

Em 1953 lecionou nos municípios de Osvaldo Cruz, Ameliópolis, Igaratá e Jundiá. Removeu-se para Piracicaba, exercendo sua profissão no então Grupo Escolar Barão do Rio Branco de 1962 a 1984, ano de sua aposentadoria.

Dedicou-se com profissionalismo em seu trabalho didático-pedagógico (professor) e no envolvimento com a literatura, com a qual se identificava. Ocupou a cadeira numero 80 da Academia Piracicabana de Letras. Publicou o livro "Revodadas" em 1993, de versos, quadras, sonetos e poesias.

Seus grandes incentivadores foram os familiares e amigos. O poeta de espírito nobre, alegre, honesto e dedicado a família, recebeu homenagens do Centro do Professorado Paulista, da Secretaria do Estado de Educação e póstuma do prof. Silvio Arzolla.

¹ Nota do Editor: A presente homenagem deveria ter sido publicada no segundo número da nossa Revista, mas por lamentável falha nossa, deixou de sê-lo. Aqui a publicamos, com pedidos de desculpas à autora e à família do homenageado.

Extraído do livro "REVOADAS":

"... Trato de poesias, por mim escritas há algumas décadas, outras ultimamente que ora dão formação ao presente exemplar, devido a persistente exigência de diletos amigos e, quiçá, de um número de simpáticos e generosos leitores... Em se tratando de idéias e pensamentos cujos objetivos são o de alcançar um agradável esparecimento, o que aconteceu com o autor, ao escrever, espera-se, agora, resulte o mesmo a quem o lê.

Os efeitos das substâncias materiais assimiladas por uma pessoa podem ser fracos, fortes ou indiferentes, o que nos induz a um paralelo no universo das expressões, mormente quando a composição abrange a variedade de temas, como a diversificação da forma no processo poético. Assim tudo depende em parte do estado anímico de cada pessoa.

O que se torna indispensável, parece-nos, a quem verseja, é que haja a existência da essência da poesia, porque esta exala sempre os eflúvios do amor..."

Entre muitos outros trabalhos não publicados estão Soneto - Poesia, o Lobo e o Mar, -Pseudo-Fábula - O passarinho impossível, a Cobaia e o Sapo, Conto - a Gaita do Zé Pretinho, 1979 coisas do magistério (Um Menino chamado Braz), Crônicas - Crônica de Natal, - Os Apelidos, 1972 - A Capa de Noé, - um bom papo, 1978 - Notas Românticas; - Feliz Ano Novo.

José Mathias Bragion, em suas produções, deixou fluir sua formação de professor- educador-literato.

Enriquecendo a Biografia, alguns escritos do meu Patrono:

CONFISSÃO

Às vezes no verão dos meus desejos,
Liberto-me a voar virando a chama
Azul de um fogo fátuo que se inflama,
Levando a solidão os meus lampejos.

Mas, vês, meu coração, bom, sempiterno,
Em ser-te fiel, assim, sofre o castigo
De todas tentações do mundo hodierno.

Se penso em mais te amar, se não te vejo,
Confesso-me fiel, pois quem me ama,
Exalta, sem parar, o que proclama,
Decerto, um grande Amor, em doido beijo.

E, ponho-me a cismar... se há um mal moderno,
Não devo ser modal, mas sempre antigo,
Porque, sem teu calor, sou gelo eterno.

(Tribuna Piracicabana, 25/10/1991)

SONETO

À cúpula celeste estrelada
Aumenta-me a saudade feiticeira
Que sonho ver à noite minha amada
Que é da minha alma companheira.

E sobre a claridade, consagrada
Do palor, virtude altaneira,
Sorri o nosso amor, estrela enamorada!

No céu das emoções, tão adorada,
Sorri-me sua graça, tão faceira
Que vejo-lhe mais vida, comparada
À vida de uma estrela verdadeira.

Estrela sedução!..que, na jornada
Da vida, me ilumina a vida inteira,
endo, por minha alma idolatrada.

(18/06/1950)

REVOADA

Antes que o sol apareça,
Trazendo uma inovação,
Antes que o bem aconteça,
Varrendo uma inquietação,
Antes que tudo se meça;
Pela escala da aflição,
Antes que tudo esmoreça,
Entre o caos da solidão,
Antes que a luz se renasça,
Sob os vitrais da afeição,
No templo, que sofre e passa,
Da vida, em boa intenção,

Vou soltando uns pobres versos,
Para os espaços dispersos,
Sobrevoando a emoção,
Onde há sonhos diversos,
No crepúsculo ou clarão,
Matutino, sem reversos.
Voando longe do chão,
Os sentimentos só são,
Lembrando cantos e ninhos,
Meus queridos passarinhos,
Tão filhos do coração.

O GATO

(Contos Liceiros)

Faz anos, e muitos anos... a luz elétrica não iluminava as cidades. E, conseqüentemente, à luz das lamparinas, as noites pareciam mais tristes, mais escuras, e impressionantes.

Na baixada do Bairro da Conserva estendiam-se as várzeas, os pântanos e uma geração de cobras esverdeadas, destacando-se, mais além, na pastagem, a ostentação de duas figueiras seculares, monumentos tenebrosos da escravidão, na qual, segundo os antigos, foram amarrados, açoitados e liquidados muitos escravos.

As olarias se agitavam no trabalho, porque a época era propícia, abrindo picadas ao progresso.

Euzébio morava rente a uma olaria e nela trabalhava como alimentador da boca de um forno, até alta madrugada, às vezes só.

A intensa atividade do trabalho entre os oleiros e o bom relacionamento criavam durante o dia uma atmosfera despreocupada e alegre, o mesmo não ocorrendo à noite, quando o manto da escuridão envolvia aquele local, o silêncio dominava a todos e a imaginação fazia ver e ouvir coisas impossíveis.

Apesar disso, ainda, compreendia-se certos trabalhadores que gostavam de conservar seus temores, exagerar e desenvolver o gosto por coisas fantasiosas.

Afora as poucas casas rodeando de rancho, à distância de uns duzentos metros erguiam-se dois casarões quase tétricos de ruínas como dois fantasmas alvacentos, relíquias do passado, mas apesar disso habitados. Nas noites de luar suas sombras deitavam-se a longos metros e dos negros porões sempre alguém contava ter notado a fluidez de um vulto branco, talvez como presença da alma de algum escravo.

Certa madrugada frigidíssima e de palor inenarrável, Euzébio, de bexiga cheia, necessitou sair do rancho para o relento, e enquanto admirava a claridade, aquele banho de beleza que o firmamento costuma dar com seu "champoo" de prata à natureza inteira, e ele se dava à prática fisiológica, ergueu o olhar para um dos casarões, notando que na cumeeira de um deles principiava a caminhar tranquilo e suave um extraordinário gato branco. Notou-lhe a alvíssima pureza do pelo e o diplomático porte, de rara espécie, talvez um persa azul...

Ia sem pressa caminhando àquela altura do telhado, mas, quase ao chegar ao fim, desapareceu.

Euzébio, instintivamente, como no rápido pestanejar, baixara os olhos para a relva, mas ao reerguer o olhar focalizando o outro casarão a coisa de uns noventa metros distante, por pouco não desmaia de pavor. O chapéu de palha, como que se por um fenômeno estranho por si se erguesse, foi o que sentira. Principiava a temer. É que o gato começava, transmudando-se numa fração de segundo, de um prédio a outro, sem ter voado pelo espaço, sem que ele, Euzébio, de olhos grudados no animal, o tivesse visto voar. Começava serenamente a andar noutra cumeeira.

O medo e o sigilo do fato perdurou no silêncio de Euzébio por vários meses.

Rememorando o evento Euzébio mais se apavorava, porque recordava-se que o gato dera um terrível miado no primeiro prédio, repetindo-o de igual modo no segundo.

Um dia Nhá Catarina, que era uma velha pré-cozinheira de um dos prédios, ao ouvir a estória deu enormes risadas.

– Então... Euzébio zangou-se: “a senhora pensa que eu não vi um gato? Que eu estou brincando? Que não vi um gato aparecer e desaparecer?...”

Ela riu de novo e acrescentou:

– O senhor não viu um gato sombração coisa alguma.

– Então me chama de mentiroso!...

– Não, senhor! O senhor viu dois gatos de carne e osso. São gêmeos! Os gatos do Doutor João raramente aparecem, mas em noite de luar gatos vão atrás de gatas, isso até axum sabe, menos o senhor!...

Depois disso, de alma sossegada, Euzébio proseava sobre qualquer assunto, exceto gatos e assombrações.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira nº 10 - Patrono: Brasília Machado

Proposta para um museu temático *sui generis*

Há dias, propuseram-me, em forma de desafio, que eu apresentasse um projeto de museu que, no meu modesto modo de entender, seria bom que nossa cidade tivesse.

Os eventuais leitores destas linhas talvez se surpreendam pelo inusitado da proposta que farei, mas posso assegurar que ela é fruto de um projeto no qual muito refleti. Se for utópico, paciência, parece-me que um pouco de utopia pode fazer bem ao equilíbrio geral da humanidade. E também ao nosso equilíbrio psicológico e emocional.

A ideia me veio a propósito de uma interessante conferência a que assisti, no SESC de Piracicaba, de uma professora da USP, sobre uma nova tendência da culinária mundial, chamada *Comfort Food* (em tradução livre, alimentação emocional).

O *Comfort Food* é um desdobramento, uma derivação do *Slow Food*, movimento que nasceu na Itália, em oposição à proliferação de *MacDonalds*. O *Slow Food* já é bem conhecido, tem numerosos seguidores aqui em Piracicaba e não me estenderei sobre ele. Já o *Comfort Food* é mais recente, nasceu nos Estados Unidos entre gastrônomos e psicólogos ligados ao *Slow Food*.

Que prega o *Comfort Food*? Prega que se procure, pelo menos uma ou duas vezes por semana, saborear algum alimento que, emocionalmente, pelo cheiro, pelo sabor, pelo contexto em que é saboreado, nos remeta para a infância, trazendo consigo aquela série de sensações boas, agradáveis, próprias da infância: aconchego, proteção, segurança, carinho, amor, afeto, paz etc.

Isso deve ser realizado sem preocupações dietéticas, sem pressa, sem frenesi, sem emoção. É algo mais passivo e contemplativo do que ativo e racional. O *Comfort Food* sustenta que, do ponto de vista emocional e psicológico, é enorme o bem que esse costume, desde que praticado duas ou três vezes por semana, pode fazer a todos.

O curioso é que varia muito, de pessoa para pessoa, o alimento que mais produz esse efeito. Proust, a partir das *madeleines* mergulhadas no chá, remeteu seu espírito imediatamente para o ambiente da casa de sua avó, e a partir desse minúsculo episódio deu início à prodigiosa narrativa de *Em busca do tempo perdido*. Ele descreve o cheiro, o sabor, a fumaça que saía da xícara e, a partir dali, por associação de idéias e de imagens, se desdobra o seu maravilhoso livro...

Para algumas pessoas, o cheiro do café sendo coado desperta esse sentimento. Para outros, será o do pão ou o do bolo de fubá saindo do forno. Para outros, um suculento arroz com feijão. Para outros, será o chocolate, a espiga de milho verde cozida ou assada na brasa, o prato fumegante de canja de galinha, o lambarizinho pescado na lagoa, passado na farinha e frito, ou singelos bolinhos de arroz que a mãe fazia, ou, ou, ou... os exemplos poderiam se multiplicar ao infinito.

Conheço um ilustre acadêmico, escritor e mestre consagrado, que do alto de seus oitenta e tantos anos não hesita: quando encontra na rua um vendedor de amendoim torrado, religiosamente pára, compra e come em silêncio. Para ele, trata-se de um retorno à infância, no mais autêntico espírito de Comfort Food.

Conheço um advogado bem sucedido, de meia-idade, louco por aqueles cones crocantes que são vendidos na rua, levados geralmente em latas, por vendedores que chamam a atenção dos passantes com um som estridente característico. Ignoro o nome desses petiscos. Mas sei que são exatamente como eram quando eu era criança. E sei que naquele tempo já eram velhos. Pois esse meu amigo é capaz de parar o carro e sair correndo atrás do vendedor, para não perder a possibilidade de, ele também, retornar à infância. É capaz de faltar a uma audiência, de perder um prazo processual... mas não perde a oportunidade de saborear aquilo. Comfort Food...

A professora da USP que fez a palestra no SESC começou pedindo aos assistentes que recordassem um cheiro e um sabor da infância. As respostas foram numerosas e muito variadas. Mas quase todos recordaram, curiosamente, algum cheiro de comida, ou alguma comida com cheiro muito característico. De fato, trata-se de algo em que olfato e paladar atuam juntos.

Daí surgiu meu desejo de constituir um **Museu dos Odores**

e dos Sabores. A sigla, MOS, em latim significa costume, hábito, uso constante.

Vivemos num tempo de globalização, de cosmopolitização, de padronização. É cada vez mais raro termos o gosto de cheirar e saborear algum alimento feito em casa, com carinho, com capricho, com o condão maravilhoso de nos remeter à infância.

Nas reuniões de diretoria da Academia Piracicabana de Letras, com frequência costumamos levar, de casa, para compartilhar com os colegas e amigos, alguma pequena guloseima caseira. Pode ser um despretenso bolo de fubá, uma singela torta, uns biscoitos de araruta ou uns deliciosos docinhos sírios, receita secreta de família não revelada nem em confessorário...

Acredito que muito da união que nossa turma vem mantendo, ao longo de mais de dois anos de trabalho, se deve a esse pequeno costume, tão salutar, tão brasileiro e tão fora de moda. Hoje, ninguém mais faz isso, todos preferem comprar um “refri” e um saquinho de salgadinhos ou docinhos hidrogenados...

Meu desejo seria um museu em que se procurasse, de modo sistemático, restaurar os cheiros e os sabores de outrora.

Como fazer isso? Sinceramente, não sei ao certo.

Uma possibilidade seria esse museu ter salas e ambientes montados e decorados de modos variados, que remetessem a outras eras. Um salão do século XIX, uma cozinha de fazenda ou de roça antiga, um armazém “de secos e molhados” (como ainda pegamos em nossa remota infância) com postas de bacalhau empilhadas e imensas tinas cheias de azeitonas em salmoura, um curral de onde se tira leite no contexto (e até com os odores e pro-saísmos próprios de um curral), uma cozinha cheia de presuntos e linguças penduradas (por favor, não me falem em colesterol, sim? Isso é palavrão! Nem em dietas e regimes. Isso é pecado!), um pomar em que as goiabas tenham bicho, mas também sejam saborosas, e não nasçam já pudicamente embrulhadas naqueles saquinhos de papel celofane, mas insípidas e com consistência de isopor... Enfim, são tantas as possibilidades que nem há como enunciar todas aqui.

Os visitantes poderiam, livremente, ser incentivados a se integrarem nesses ambientes, a eles mesmos acenderem o fogão de lenha, a prepararem seus alimentos, a convidarem outros a saboreá-los. Seria, portanto, um museu interativo, onde os visitantes

não se limitassem a uma contemplação passiva, mas participassem do ambiente, ajudassem a produzir o ambiente, mergulhassem juntos no passado, com seus cheiros e seus sabores inconfundíveis. Seria um museu com algo de clube, algo de casa de família, algo de espaço de lazer.

Acredito que uma coisa dessas, se descer um pouco do nível dos sonhos em que a estou colocando neste artigo descompromissado e for assentada mais *in concreto*, sobre bases reais, poderia ser algo fabulosamente incrível.

Esse museu não precisa de acervo grande e caro, o acervo mais precioso dele são as próprias pessoas que o visitam. Local? Qualquer lugar serve. O problema não é esse. O problema é mais transportar psicologicamente as pessoas para esse ambiente, do que transportá-las fisicamente para as dependências climatizadas de um museu ISO-9000, cheio de aparelhos contra incêndio e de placas “é proibido fumar”.

Aliás, um cheirinho de cigarro de palha, nesse ambiente, até não ficaria mal... Ou uma caixinha de oloroso rapé...

Também não precisaria de custosos aparelhos de ar condicionado. Para que usá-los, se os leques e os abanos de outrora são tão mais poéticos, além de não produzirem alergias nem infecções respiratórias?

Som? Sim, pode ter som, não há dúvida, desde que ninguém pense em aparelhos estereofônicos ambientados com *high fidelity*. No máximo, um velho rádio, de válvulas, transmitindo um programa inesquecível como “Nos caminhos da saudade” do meu amigo Fábio Monteiro¹.

Como veem, o projeto está ainda muito embrionário. Se alguém quiser dar sugestões ou fazer críticas, por favor, não se omita.

Será apenas um sonho?

Talvez. Mas, como escreveu Fernando Pessoa, “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”...

¹ O programa “Pelos caminhos da saudade”, durante muitos anos transmitido todos os domingos de manhã, pela Educativa FM de Piracicaba, infelizmente não existe mais. Deixou de ser transmitido, desde o fim de 2010. Nossas manhãs de domingo perderam seu atrativo. Ficaram mais tristes. Esperamos que a Noite da Seresta, outra realização do Fábio, não tenha o mesmo fim.

Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles... e nós!

Numa das últimas vezes que estive em Salvador, conversei longamente com um grande amigo que é, também, um grande educador, o Prof. Edivaldo Boaventura (fundador e ex-reitor da Universidade do Estado da Bahia, diretor do jornal “A Tarde”, criador do Parque Estadual de Canudos e ex-secretário da Educação do seu Estado) e lhe perguntei como ele traduziria, para o português, a palavra *Paideia*. Como bom ex-aluno da Companhia de Jesus, ele, de acordo com o velho costume dos jesuítas, respondeu à minha pergunta com outra pergunta: “— Traduzir, para quê?”

De fato, como ele observou em seguida, esse é um conceito quase intraduzível. Podemos conseguir, em outras línguas, palavras que nos permitam nos aproximarmos do conceito de *paideia*, mas não encontraremos nenhuma palavra que nos traduza, singelamente, todo o rico e abrangente significado da *paideia* grega.

A idéia fundamental da *paideia* era a educação, mas uma educação entendida num sentido muito amplo e, paradoxalmente, muito específico. *Paideia* vem de uma palavra (PAIDOS, ou PEDOS) que significa menino, criança. *Paideia* era uma educação de meninos, ou para meninos.

A noção de *paideia* era profundamente ligada à de *aretés*, que significa virtude. A *paideia* era, pois, um auto-aperfeiçoamento, pela via do autoconhecimento. O autoconhecimento era o caminho adequado para a aquisição das virtudes. Daí o velho conselho do “Conhece-te a ti mesmo”, que nos chegou pelos romanos, em latim, como NOSCE TEIPSUM ou SCITO TEIPSUM.

Era, porém, um “conhece-te a ti mesmo” enquanto grego, enquanto membro do grupo humano muito amplo dos partícipes (exprimamo-nos em termos modernos) do “greek way of life”.

Pois bem, o que era esse conjunto de modos de ser, de pensar e de sentir que caracterizava os gregos, que fazia com que os habitantes da Hélade, provenientes de pelo menos quatro origens diversas, se considerassem um todo psico-sociológico?

Aqui entra o elemento de Homero — o primeiro dos quatro grandes personagens invocados no título deste artigo.

As duas epopéias homéricas condensaram todos os valores e todos os modelos humanos que inspiraram a cultura grega antiga e

— como pretendo expor mais adiante — mais do que isso, mais tarde haveriam de fixar, conjugadamente com a tradição do pensamento judaico-cristão, as bases do pensamento de todos os tempos, senão da Humanidade inteira, pelo menos do mundo ocidental.

Nos primeiros tempos, os gregos antigos não tinham escrita, de modo que as duas epopéias homéricas eram transmitidas de geração em geração por via oral, de memória, de cor. Com o surgimento e o desenvolvimento da escrita, a educação grega se fazia sobre os livros homéricos. A paideia tinha como objetivo preparar os jovens para ler e escrever os textos homéricos, e, por esse meio, ler e entender a origem e a especificidade do povo grego. Em outras palavras, não só para se autoconhecerem, mas para se autoconhecerem enquanto gregos.

Essa é uma idéia muito importante para se compreender a especificidade da paideia. Era em ordem à inserção dos indivíduos no universo cultural e psicológico da sociedade grega que se desenvolviam os indivíduos. O aperfeiçoamento individual se ordenava, pois, ao interesse coletivo, para o bem comum, para o interesse e o serviço daquilo que, muito imperfeitamente, se poderia designar como Estado. E, dadas as variações das várias *póleis* gregas, o modo de entender esse serviço também variava. No caso de Esparta, por exemplo, a vocação militar era muito assinalada e envolvia ambos os sexos. Em Atenas, já era bem diferente, e assim por diante.

Outra idéia muito presente no universo mental grego é que, se o conhecimento é o caminho para o aperfeiçoamento e a vida, o esquecimento é o caminho para a morte.

Verdade, em grego, era *a-leteia*, ou seja, não esquecer. Na mitologia grega, o rio Lethes, ou Estiges, era atravessado pelos mortos para chegar ao Hades, ou Tártaro, o reino da morte, do esquecimento, imperfeitamente traduzido por inferno. Os mortos, ao atravessarem o Lethes na famosa barca de Caronte, bebiam das águas do rio e esqueciam de seu passado, de sua vida, e tinham, assim, uma segunda morte. Se a primeira morte libertava seu espírito, ou sua alma, dos laços da carne, a segunda, mais radical e irremediável, o libertava de sua memória, de seu passado. Daí serem os mortos chamados, por Homero, de cabeças vazias.

Um ponto muito importante a destacar: na concepção grega clássica, os jovens deviam ser aperfeiçoados, sim, mas não eram todos os jovens, apenas alguns que deviam sê-lo.

Mesmo na concepção formalmente igualitária da República de Platão, a ideia da desigualdade de condições dos homens estava profundamente enraizada. Assim, quando se falava em paideia para educar, aperfeiçoar etc., entendia-se que isso era para os aristocratas. E a palavra aristocrata tem sua raiz exatamente em *aretés*. Aristocratas eram os melhores, os mais virtuosos, aqueles que eram gregos a um título muito especial. Eram, por assim dizer, os mais gregos de entre os gregos.

Essa ideia, de que a função primordial da educação era destacar e preparar os melhores dentre os melhores, em linhas gerais informou (no sentido filosófico, isto é, de dar forma a uma matéria informe preexistente) toda a educação em todos os tempos. Somente muito recentemente o critério da educação passou a ser estritamente igualitário.

No Brasil, concretamente, foi só com os governos do regime militar, que aplicaram a malfadada Lei de Diretrizes e Bases já esboçada no regime João Goulart, que se alterou profundamente o sistema consagrado. A partir daí, no altar da Igualdade, sacrificou-se a Qualidade. Multiplicaram-se as escolas, as faculdades, os doutores, os títulos, os “depromados” e chegamos ao momento atual. Até os anos 60, em linhas gerais, as escolas públicas eram poucas, mas ministravam um ensino de bom nível. Desde a LDB, as escolas se multiplicaram, as faculdades, idem, mas o ensino, para combater o “elitismo”, foi cada vez mais sendo massificado e, como decorrência, cada vez mais se foi abrindo um fosso intransponível entre o ensino privado (sucadâneo imperfeito do velho ensino aristocrático de outrora) e o ensino público — sucateado, humilhado, descaracterizado. Para implantar a igualdade, acentuou-se a mais cruel e intransponível das barreiras, a das castas culturais...

Platão, Sócrates e Aristóteles, cada qual a seu modo, foram os três filósofos máximos da Grécia Antiga e, também, de toda a Humanidade, em todos os tempos. Eles se abeberaram dos elementos da paideia, desenvolveram-nos, sistematizaram-nos, teorizaram-nos, fixaram suas formas definitivas aplicáveis a todos os tempos. E ainda hoje, milênios decorridos, é sempre nos três grandes mestres gregos que vamos encontrar luzes para resolver a maior parte dos problemas profundos que afligem a Humanidade.

Sócrates, como é bem sabido, foi mestre de Platão, que o foi de Aristóteles. Sócrates nada deixou escrito, mas Platão, seu genial

discípulo, divulgou suas idéias, seu modo de pensar, especialmente sua dialética, seu sistema de interrogar, sempre permeado de ironia, de ir fazendo com que o interlocutor descubra, por si mesmo, o que pensa, como pensa, em que medida pensa etc. Ou, pelo contrário, ir fazendo com que entre em contradição e acabe reconhecendo seus erros. É o famoso parto das idéias, a maiêutica, característica do pensamento socrático.

Lembro bem qual foi meu primeiro contato com o “pensamento socrático”...

Tive, no velho Ginásio dos tempos antigos, um colega que era terrível na sua dialética. Ele era loirinho e miudinho, lembrava um pouco o Calvin das histórias em quadrinhos. Ele tinha o costume de “inocentemente” ir fazendo perguntas “ingênuas” aos professores, ia perguntando, perguntando, sempre com jeitinho de quem estava querendo aprender. E o professor ia respondendo, respondendo, habilmente conduzido por aquele maquiavelzinho quase de calças curtas... E quando o venerando e pomposo professor catedrático (naqueles tempos, em escolas públicas, os professores de ginásio defendiam tese e se tornavam catedráticos!) estava empolgado e bem entalado, o meu coleguinha “puxava o tapete” e, para grande alegria da classe inteira, o professor caía feio no chão. O menino o havia levado para uma contradição sem saída...

Os professores tinham pavor dele e comentavam sempre que possuía “um espírito socrático”. Nós todos éramos muito crianças e ainda não sabíamos bem quem era esse tal de Sócrates, mas ficávamos encantados com ele, filósofo que tinha a grande genialidade de ensinar os alunos a dar banhos em professores vazios e convencidos...

Esse foi meu primeiro contato com o velho Sócrates...

Não se sabe até que ponto Platão foi estritamente fiel, ao divulgar o pensamento de Sócrates, até que ponto o reinterpreto e lhe incutiu sua marca pessoal.

Quanto a Platão — mais generalista, idealista, utópico — e seu discípulo Aristóteles — mais específico, sistemático, empírico e cientificista — ambos marcaram as duas vertentes do pensamento humano.

Um fato para mostrar bem as diferenças entre os dois: Platão escreveu a República, tratado teórico sobre como deveria ser uma sociedade ideal. É utópico, mas é utilíssimo e teve importância fundamental para o desenvolvimento da Ciência política.

O mesmo problema, colocado diante de Aristóteles, teve so-

lução radicalmente diversa. Aristóteles era prático, era empírico... e dispunha de verbas mais ou menos inesgotáveis do seu rico protetor Filipe da Macedônia.

Enviou, então, emissários a todas as partes do mundo conhecido, com a missão de elaborarem relatórios exaustivos sobre como todos os povos se organizavam e governavam. Ao cabo de anos de pesquisas, reuniu mais de 200 relatórios. Estudou, então, todos eles e, a partir desses estudos de caso, elaborou sua Política, sobre as formas de governo.

Platão foi direto à teoria e sistematizou um regime ideal, embora sabendo-o irrealizável. Aristóteles partiu do real e chegou à teoria da melhor forma de governo em tese, e da melhor forma de governo possível. Esses dois caminhos seguidos indicam duas vertentes, duas variantes do espírito humano. Correspondem, também, aos dois métodos clássicos do raciocínio filosófico, o indutivo (do específico para o genérico, do prático para o teórico) e o dedutivo (do geral para o particular, do teórico para o concreto).

Não se pode dizer, no plano axiológico, que uma dessas variantes seja superior à outra. Ambas são complementares, ambas se alternam ao longo dos tempos, às vezes nas mesmas pessoas. E ambas se abeberam em Sócrates e, mais remotamente, na paideia homérica.

Sem Homero, não teria havido Sócrates. Sem Sócrates, não teria havido nem Platão nem Aristóteles. Mas sem Platão e Aristóteles, talvez Sócrates fosse lembrado apenas como mais um dos obscuros sofistas de seu tempo. A tríade é inseparável. São, sem a menor dúvida, os três maiores cérebros da Antiguidade. Sem essa tríade, talvez Homero fosse mais um dos incontáveis autores mitológicos esquecidos de todos. Foi a tríade que fez com que o gênio de Homero fosse reconhecido e admirado em todos os tempos.

Séculos depois dos três grandes gregos, já na Era Cristã, foi remotamente discípulo de Platão o neo-platônico Santo Agostinho, dando origem a uma ampla escola de pensamento católico que teve inúmeros seguidores. Talvez o mais célebre e importante deles tenha sido São Boaventura (século XIII).

Aristóteles teve suas idéias relançadas e aperfeiçoadas por São Tomás de Aquino, contemporâneo e amigo de São Boaventura. A filosofia aristotélico-tomista ainda hoje tem numerosos seguidores e marcou profundamente todo o pensamento humano.

Resumindo e condensando estas longas divagações, digo, pois, pontualmente: Homero in-formou a paideia grega, que produziu os três grandes filósofos, que, por sua vez sistematizaram e teorizaram a paideia na sua forma suprema e definitiva. E ela chegou até nós, permanecendo, queiramos ou não, bem viva e atuante.

Lamentações de um pobre tradutor (que por coincidência também é tradutor pobre)

Mote: Quem quer cumprir seu dever,
Costas largas há de ter.

GLOSA

Se não consigo o prodígio
De entrar no texto de rijo
E acabar rapidamente,
Sem quaisquer complicações,
Sem erros e sem borrões,
Me ataca o vulgo inclemente...

Ai de mim!

Pois: Quem quer cumprir seu dever,
Costas largas há de ter.

Quem nunca fez tradução
Não pode ter condição
Sequer de avaliar
Como é fera a minha luta,
Como é dura esta labuta,
E quão triste é o meu penar...

Não faltam os apressados,
Quiçá bem intencionados,
Que dizem ao editor
Que se o livro enfim não sai,
Tanta demora não vai
Sem culpa do tradutor...

Se aparece um contratempo,
E nele passo algum tempo,
Dizem: “como é demorado,
Tem da perfeição o vício,
Desse jeito o edifício
Nunca estará acabado!”

Se um problema se apresenta
E o tradutor o enfrenta,
Não falta quem atrapalha:
São palpites, sugestões,
Pedidos, opiniões,
Recados, e o que mais valha...

E se procuro, com calma,
Empenhar-me corpo e alma
P’ra resolver um problema,
É bem certo que então
Um importuno, a atenção,
Me distrai com outro tema.

Se eu na pressa de acabar
O trabalho acelerar
E logo chegar ao fim,
Os errinhos que deixei
Quanto me custam eu sei!
Pedras chovem sobre mim...
Ai de mim!
Pois: Quem quer cumprir seu dever,
Costas largas há de ter.

É bem triste a minha vida,
Nela não vejo saída:
Se corro, falam de mim,
Se ando, me põem reparo,
Me criticam se eu paro...
Como pode ser assim?
Ai de mim!
Pois: Quem quer cumprir seu dever,
Costas largas há de ter.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI

Cadeira nº 17 - Patrona: Virgínia Prata Grigolin

A sétima escultura

Eu tinha apenas sete anos e estava ajudando meu pai na marmoraria quando aconteceu pela primeira vez. Foi rápido demais. Apaguei enquanto varria o chão. Correram parentes, correram clientes, correram vizinhos, correu a notícia:

– O Zizinho da marmoraria morreu!

Esse “Zizinho” era eu, mas só me chamavam assim depois de morto. Em vida, eu era “aquele moleque do Ziza”, “aprendiz de capeta”.

Foi tanta gente carinhosa vindo chorar no meu velório que desisti de morrer e voltei.

– Catalepsia – diagnosticaram os clientes mais cultos.

– Milagre – concluiu minha mãe.

– Parte com o diabo – sentenciaram os vizinhos.

A família precisou me desterrar para a casa de um tio, porque os clientes começaram a evitar nossa marmoraria. Achavam que eu não dava sorte.

Tio Olavo foi bom para mim. Generosamente aceitou minhas dez horas de trabalho diário, como aprendiz, na fundição. Assim eu não sentiria que estava “morando de favor”. Permitia-me, também, continuar esculpindo nos momentos de folga.

Ah, as esculturas, minha paixão, estiveram sempre comigo! Meu pai restaurava peças de mármore e me ensinou a esculpir usando retalhos de pedra. Na fundição, eu economizava cada centavo para imortalizar, em bronze, minhas pequenas criações.

Aos catorze anos, aconteceu de novo: morri e desmorri bem rápido. Tio Olavo se aborreceu. Era “má publicidade”. Vendeu minhas estatuetas “pra pagar o prejuízo”. Um comprador, dono de galeria, gostou delas e me arranhou uma bolsa para estudar artes plásticas.

– Se ele vai perder tempo estudando desenho, – disse tio Olavo – é melhor arrumar um emprego de verdade pra se sustentar.

Fui trabalhar na galeria. Trabalho fácil, estudo interessante,

muito tempo livre, material à vontade para esculpir, passeios a museus... era o paraíso! E o paraíso é o inferno quando aparece assim, de repente, para quem não está acostumado com a boa vida. Comecei a pensar na morte.

As esculturas vendiam bem... e eu pensando na morte. Eu ganhava prêmios... e pensava na morte. Minha exposição era um sucesso... e a morte me fazia delirar. Delírio ou visão? Não sei.

Eu ia fazer vinte e um anos e cismeí que morreria de novo e, dessa vez, poderiam me enterrar vivo. O terror foi tanto que passei mal. O mundo se transformou numa neblina brilhante. Um anjo de mármore apareceu e falou comigo. Disse que meu mal nunca mais me atacaria se, a cada sete anos, eu doasse uma escultura para um cemitério. Seriam sete esculturas, uma a cada sete anos, o anjo da visão me disse.

A primeira doação foi para meu próprio pai, que faleceu no mês seguinte. Fiz um anjo da saudade. Meu tio Olavo gostou tanto que se ofereceu para me aceitar de volta na fundição. Abri mão da oferta porque estava com exposição marcada fora do país.

O túmulo de minha mãe, morta sete anos depois, recebeu a escultura de uma pranteadora. Eu ainda estava rezando quando tio Olavo bateu no meu ombro.

— Voltou da Europa pra enterrar os parentes? Veio fazer bonito pros jornais mostrarem como o “grande artista” é generoso?

Olhei incrédulo para ele.

— Pare de me olhar com essa cara de abutre! E guarde suas esculturas pro seu enterro! Eu ainda vou viver muito.

E viveu mesmo. Doeí outras esculturas para pessoas desconhecidas, a cada sete anos. Meu mal nunca mais me afligiu. Enriqueci, envelheci e esperei. Esperei, ansiosamente, a morte de tio Olavo. Preparei, com todo ódio, a escultura de seu túmulo: a escultura de um velho com olhos maus, deixando cair um livro de contabilidade.

No ano em que eu deveria entregar a sétima escultura, tio Olavo adoeceu. Obstinadamente, aguardei seu falecimento, porém meu aniversário chegou e tio Olavo melhorou.

Morri ao receber a notícia de sua saída do hospital. O velho miserável me enterrou mais que depressa e ainda mandou colocar sua escultura por cima do meu cadáver.

Agora estou enterrado, mas continuo bem vivo. Quem quiser uma prova é só visitar meu túmulo, pois, de sete em sete anos, quando faço aniversário, o livro da escultura se abre e, em vez de contabilidade, suas páginas metálicas ilustram a história da minha vida.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAIS JÚNIOR
Cadeira nº 18 - Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Tempo

Conspira o tempo para nos envelhecer e nos mostrar que a juventude se foi, para nos mostrar que não somos donos de nada, muito menos da nossa vida. A vida é uma ilusão passageira e instantânea, na qual nos apegamos para nos deliciarmos com uma falsa sucessão de momentos tênues de felicidade. Conspira o tempo para demonstrar que as mudanças são inevitáveis e muito profundas, que se refletem também na nossa materialidade. Conspira o tempo para que possamos sentir e entender a sua existência e a sua fatalidade, que nos empurra para a degenerescência e para a finitude.

Viver... Essa esperança que nos embriaga e nos envaidece, é na verdade um privilégio. Somos privilegiados, sem dúvida, porque nascemos perto da perfeição, aparelhados e destinados a nos tornarmos centenários. Mas na ansiosa e desesperada busca do prazer, no egoísmo de aproveitar cada minuto que nos foi dado, a esperança se transforma em casualidade, o viver se torna a suprema aventura humana. Viver, então... Essa loteria que nos incita a espremer o bagaço dos últimos segundos que nos restam.

Conspira o tempo para que vivamos plenamente, com toda saúde e força, o ruidoso cotidiano que nos cerca, até que os excessos, as loucuras e a dissolução nos afastem da perfeição e nos tornem inevitavelmente finitos e previsíveis. Conspira o tempo, então, para a destruição lenta de nós mesmos, desafiando nossas capacidades e o excelso discernimento. O poder de escolher que nos foi dado e que, amiúde, se vira contra nós pela falta de cautela que temos ao usá-lo. Num segundo tudo o que nos eterniza pode nos deixar e o rol daquilo que mais tememos pode se apossar de nós.

Conspira o tempo para que nossa estada neste plano seja longa, estável e feliz, mas no ato sublime de gerenciar com sabedoria o que nos foi dado, por sermos apenas humanos e falíveis, sempre erramos nas contas, vamos por caminhos proibidos e por atalhos desconhecidos. Temos consciência do engodo, mas de nada adianta

arrepender-se depois que o malfeito é descoberto. A responsabilidade nos acolhe em seus braços poderosos e nos esmaga, para que jamais tais atos se repitam.

Conspira o tempo para que sejamos infantis a vida inteira, para que jamais consigamos aproveitar o que nos foi legado. Na ansiedade dos folguedos nos esquecemos de cuidar de nossas obrigações até que chega o momento em que temos que enfrentar o tempo, não como brisa que atravessa tudo sem ser percebido, mas como o carrasco que veio cobrar de nós o que deixamos de fazer. O desespero nos aflige, porque sabemos que nada pode retroceder, e não existe remédio, nem cura, para um desleixo tão grande. Mas na nossa inocência meninil, somos iludidos por falsas promessas, esperançosos de conseguir enganar o tempo que conspira contra nós.

Pobres tolos arrependidos! É isso o que somos! Possuidores de todos os dons, de toda a tecnologia, de todas as belezas e infinita inteligência, mas incapazes de vencer a inclemente força exterminadora do tempo que passa como uma brisa pelas nossas vidas. Conspira o tempo então, para que sejamos gratos e resignados com nossa sorte inglória e imprecisa. Ele é o carrasco cruel que nos tira tudo, num piscar de olhos, inadvertidamente, mas que não vai deixar de ser exato no momento de nossa partida. Quando chegar a hora ele não nos dará nem um segundo a mais!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA
SILVA FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira nº 19 - Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

De como ainda me orgulho do meu país

No mês de abril fui convidada com um grupo de escritores para participar de um Sarau Especial, o Sarau de lançamento do livro *Crônicas da Escola Catharina*, da Escola Estadual Prof^a Catharina Casale Padovani, localizada no Bairro de Santa Teresinha. E lá fomos nós, velhos escritores, prestigiar novos autores em mais uma tentativa de descobrir ideais nos jovens assolados por uma contemporaneidade que os afasta de boas leituras.

Garotos de olhares brilhantes nos aguardavam com uma programação de encher a alma: alusões ao Dia do Índio apresentaram jovens em trajes típicos declamando poemas de Gonçalves Dias e outros autores nacionalistas; outros atores que fazem aulas de castelhano improvisaram belamente um teatro com poemas de Neruda, um poeta tão complexo para a tenra idade, mas ditos em entonação emocionada; entrega dos exemplares das crônicas aos autores, todos bem trajados e orgulhosos pela publicação da linda obra; uma ex-aluna de voz encantadora dedilhando lindas canções de música popular brasileira.

Além dos atores da própria escola, toda a equipe de apoio altamente entusiasmada: a Diretora Christina, com sua equipe, preparou um ambiente lindamente decorado com sacolas com textos e recortes, cortinas, tapetes. Tudo com simplicidade e bom gosto, acredito que algumas peças sejam até de uso pessoal dos professores que se esmeraram para o evento. O Vice-Diretor Valmir orientava a cerimônia entusiasticamente, ressaltando qualidades e virtudes, motivando os alunos para um futuro promissor. Os professores, orgulhosos, viam suas crias se apresentando e recebendo o troféu do livro editado. Ao final, um pequeno coquetel organizadíssimo, com sucos deliciosos e lanchinhos preparados pela equipe.

Sáimos felizes por tão motivador Sarau, de esperança no futuro de muitos jovens que insistem em conquistar seu espaço intelectual na sociedade.

Passados dois meses, aniversário da ESALQ, 110 anos, dentro do lindo projeto de abertura da ESALQ para as Escolas Públicas, o Diretor resolve compartilhar um bolo com a escola que visitará a ESALQ no dia 3, coincidentemente, para minha alegria a Escola é a Prof. Catharina Casale Padovani.

Que felicidade! É como se meu coração pudesse retribuir a gentileza daquele inesquecível dia de abril. Estou como criança em véspera de aniversário, acho que nem vou dormir na esperança de rever tão relevante comitiva. Realmente, o Brasil ainda tem solução.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO
ALMEIDA DE NEGRI

Cadeira nº 20 - Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

O olho da Baleia

Há cinco dias, durante uma tempestade que destruíra seu barco de pesca, estava o náufrago agarrado a uma tábua, que felizmente dava para ele esticar o tronco seminu.

Após a borrasca que o atingiu, como diz o ditado, veio a calmaria, o mar quase sem ondas e o sol inclemente parecia querer fazer ferver a água, fritando o pobre pescador que boiava à deriva.

Durante esses dias de solidão, entre o céu, o mar e o sol, por várias vezes rememorou sua própria vida. A infância, quando sentia a mão quente da mãe ao lhe dar o banho na bacia, carícia sublime. A adolescência, quando fora nadar no lago da fazenda e esconderam suas roupas e tivera que voltar para casa só à noitinha, escondendo-se atrás das árvores, enveredando-se pelas moitas, tentando fugir da vergonha inocente da nudez nessa idade.

Já adulto, lembrava-se do pai morto, engolido numa noite por uma tempestade em uma de suas pescarias. Esse episódio o atormentou por muito tempo em sua vida. É agora, estava ali, deitado naquela prancha sendo assado pelo sol.

De vez em quando procurava jogar com as mãos um pouco de água nas costas e resfriar a pele em carne viva, mas o sal fazia com que o processo de cozimento piorasse. Notou que a água ao seu redor se revolvía e eis que emergiu algo como um enorme rochedo. Ao fixar os olhos, pensando que talvez já estivesse tendo alucinações, viu que era uma enorme baleia. Seus pequeninos olhos fitavam firmemente os seus.

As horas passavam e aqueles olhos continuavam a fitá-lo. Pareciam tão bondosos e hipnotizavam os seus. Passam os minutos, o tempo desaparece, não sente mais dor, vem o prazer que toma conta do seu corpo e ele parece mergulhar nos olhos da baleia. Atinge uma espécie de êxtase e nesse estado imagina estar sendo olhado pelo próprio Deus. Estaria delirando? Delírio ou

não, passa a se entregar a isso. Seus olhos se fecham, tudo gira e sua mente se apaga.

Acorda mais tarde numa cama de hospital. Fora salvo por um grupo de turistas que, vindo de longe o jato da respiração da baleia, se aproximou para ver mais de perto o animal e acabaram encontrando o náufrago.

O olho do Boi

Marcelo tinha 60 anos quando tudo aconteceu.

Sempre fora muito trabalhador, pessoa exemplar, e ainda menino entrou para o seminário.

Era um dos melhores alunos, muito letrado, sempre tirando as notas máximas em latim, teologia, filosofia e estudo comparado das religiões.

Formou-se padre, encantou suas ovelhas nas diversas dioceses, chegou a monsenhor, bispo e arcebispo.

Sempre seguiu à risca todos os mandamentos e nunca usara a batina, como alguns de seus colegas, para cobiçar a mulher do próximo e muito menos para atos de pedofilia.

No entanto, sempre gostara de uma boa e farta mesa, principalmente dos assados e churrascos de cabritos, carneiros, frangos e, principalmente, boi.

Claro que na Sexta-feira Santa, sempre guardava esse dia, não se alimentava de carne. Comia sim, bacalhau, peixes e frutos do mar, mas carne vermelha, nunca.

Sempre tivera ótima saúde e agora, estava ali, deitado numa cama de hospital. Acontecera tão rápido que nem ainda atinara para a situação delicada em que se achava.

Fora fazer um exame de ultra-som rotineiro e o diagnóstico dizia: “nódulos hepáticos compatíveis com metástases em olhos de boi”. Não entendera bem, mas seu médico vaticinou: — “são nódulos de um câncer que já se espalhou pelo seu organismo, vindos do intestino”

Entrou em desespero, a esperar pela morte. Sua mente divagou por entre pensamentos cinzas, embora já lera ou assistira em algum programa de televisão, não se lembrava bem, que pessoas grandes de-

voradoras de carne tinham muito mais chances de terem cânceres.

Então, começou a imaginar quantos animais haviam morrido para encher seu estômago. Via aqueles olhos escuros, grandes, cheios de ternura dos bois, a derramarem lágrimas a cada marretada que recebiam na fronte, tudo para encher sua barriga... E da fronte rompida pela marreta, da fresta aberta pelo “golpe mortal”, surgiam umas letras, que ao se organizarem, formavam um dos mandamentos que sempre estudara e não havia entendido toda a sua profundidade: “**NÃO MATARÁS!**”.

O olho do Mendigo

Caminhava pela cidade entre a multidão desconhecida que, apressada, não enxergava ninguém.

À beira da calçada, corria um filete de água suja, cheio de bitucas de cigarro e papéis amassados. A água cinza, combinando com o dia nublado.

Vejo de repente um mendigo, vestido somente com um saco de lixo preto com três furos por onde passavam a sua cabeça e os dois braços. A pelem exposta era negra de sujeira. Os cabelos, engomados por uma pasta escura, que ele não parava de coçar por causa dos piolhos.

Em dado momento, pára ao lado de uma poça, ajoelha-se e suga um pouco daquela água que nem um cão aceitaria.

Ao passar perto daquele ser ensebado, fitaram-me um par de olhos azuis. Nem acreditei, pois achava que ele era uma pessoa da raça negra, visto de longe, pois a sujeira o deixava escuro.

No local, um cheiro forte de urina. Pensei comigo, como era possível um ser humano chegar naquela situação e como estaria sujeito a pegar doenças graves, tal a falta de higiene.

Imaginei que ele teve uma vida normal, um lar, carinho da mãe, talvez até esposa, filhos, e agora estava ali naquele estado deplorável. Seus olhos azuis sobressaindo-se em meio à sujeira penetravam em mim e eu o ouvi dizer: “Eu sou o todo!” Nesse instante pensei até que ele deveria ter um certo estudo e era esquizofrênico, e por tal situação veio a morar nas ruas. Pensava em suas palavras

sábias e sua imagem me perseguiu o resto do dia.

Se ele é o todo, sou parte do todo e também sou o todo, pois viemos do mesmo ponto. Todos somos partículas do mesmo todo.

À noite, penetrando no mundo dos sonhos, e os olhos azuis do mendigo me perseguindo, me vi olhando o mundo através daqueles olhos, sentado na sarjeta, bebendo água imunda enquanto passava na calçada um homem forte, bem vestido, sapatos novos, calça bem passada, e no bolso de trás uma protuberância, provavelmente uma carteira recheada, caminhando pelo Viaduto do Chá. Devia ser do interior, pois não sabia o risco que corria andando por ali na escuridão da noite. Ao olhar seu rosto, eu me vi caminhando feliz.

Entendi então o dizer da filosofia grega: "Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo!"

Os olhos do Menino

Eram azuis, grandes, de um brilho luminoso que, ao fixarem-se em outros olhos, transpassavam como setas.

Assim eram os olhos de Adolfo.

Fitá-los, era quase impossível, sustentar aquele olhar tornava o autor como que hipnotizado; se não desviasse a tempo as pupilas entrariam em midríase. Mesmo os próprios animais não ousavam fitá-los.

Nos seus três ou quatro anos, os cabelos negros e lisos já emolduravam aquele rosto tal qual nuvens negras envolvendo o sol poente no horizonte, quando um acesso de fúria tomava conta daquele rostinho infantil.

Com ternura, ajoelhado aos pés da cruz, mãozinhas postas a rezar, seu olhar parecia mesmo atravessar o do Cristo, que não o fitava, com os olhos desviados para o alto, talvez por estar cheio de compaixão, talvez pedindo algo ao Pai Supremo, já que era seu único filho, como dizia o Credo.

Mas se era seu único filho, como pedir também para o menino de olhos azuis?

E o Cristo na cruz, olhar desviado para o alto, não soube como pedir por alguém que não era Filho do Pai.

E assim, naquele dia, surgiu Adolf Hitler...

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CEZÁRIO DE CAMPOS
FERRARI**

Cadeira nº 12 - Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

Luto

Convidado pelo ilustre acadêmico Prof. Armando Alexandre dos Santos a redigir um artigo para a revista já vitoriosa da Academia Piracicabana de Letras, pensei em vários temas que passavam por mim, porém, decidi-me ao ler um dos artigos da minha colega Taísa Berlingieri, filha de meu amigo Mario Berlingieri, de Jaboticabal – SP, exímia psicóloga e pesquisadora do problema luto, inspirada nos versos de Carlos Drummond de Andrade em seu poema PARA SEMPRE e também em artigos da jornalista e escritora Eliane Brum.

Por ser o mês comemorativo do dia das Mães, ela compartilhou com o leitor o texto, pude refletir introspectivamente a suas escritas:

PARA SEMPRE

Por que Deus permite que as mães vão-se embora?

Mãe não tem limite, é tempo sem hora,

Luz que não se apaga quando sopra o vento

E chuva desaba, veludo escondido,

Na pele enrugada, água pura, ar puro, puro pensamento.

Morrer acontece com o que é breve e passa sem deixar vestígio.

Mãe na sua graça, é eternidade.

Por que Deus se lembra

– mistério profundo –

De tirá-la um dia?

Fosse eu Rei do Mundo,

Baixava uma lei:

Mãe não morre nunca, mãe ficará sempre,

Junto de seu filho e ele, velho embora, será pequenino

Feito grão de milho.

A autora afirma que as mães não deveriam morrer. Senti tanto o desamparo de uma amiga que perdeu a sua mãe porque sei que as mães não deveriam morrer.

Quando perdemos alguém que amamos, a dor é tão extravagante que nos come vivos, como se fosse uma daquelas formigas africanas que vemos nos documentários da National Geographic. A dor está lá quando acordamos, continua lá quando respiramos. Espreita-nos do espelho diante do qual escovamos os dentes de manhã com um braço que pesa uma tonelada. E, quando por um instante nos distraímos, crava seus dentes bem no coração. Neste longo momento depois da perda, sabemos mais dos buracos negros do que os astrônomos, porque carregamos um dentro de nós. E arrancamos cada dia nosso do interior de sua boa ávida, com uma força que não temos, para que não nos sugue de dentro para dentro.

O artigo escrito pela psicóloga Taísa Berlingieri colocou em mim uma reflexão positiva a respeito da morte, que já havia adquirido quando tive a oportunidade de escrever meu livro há alguns anos, como o tempo sendo um período só dele e que não pode ser determinado em parte alguma e nem por ninguém. Vamos começar a perceber que a mãe é uma ausência presente, poderemos reencontrar a mãe dentro de nós mesmos.

Profundamente agradecido à Srta. Taísa por ter-nos dado esses ensinamentos.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA
SILVEIRA

Cadeira nº 21 - Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

A deusa do Sol

O ar estava carregado de nuvens escuras e tudo parecia sem esperanças, sem ilusão, como se um abismo abrisse em frente de Nori, uma jovem oriental muito bonita, de gestos suaves, tez clara como lótus e uma boquinha vermelha parecida com um coraçãozinho, ou com um bico de pomba.

Sufocada, sem saída, por não ter uma vida própria, nem liberdade, almejava ser como qualquer outra moça daquela vila incrustada entre altas montanhas. Sentada à beira de um lago, onde as carpas vermelhas pareciam chamá-la para ficar com elas, sentia a cada momento com mais força um desejo que ia se transformando numa atração incontrolável. Era como se algo a chamasse de dentro daquela água translúcida e a incitasse a colocar um fim na sua vida. Sempre se sentia assim quando rememorava o dia em que se tornou uma entidade celestial. Mas o que mais a importunava e a fazia sofrer, era lembrar como seu ego se inflou de satisfação ao ser comparada a uma deusa.

Nori começou a relembrar horrorizada como se deixou levar por tanto orgulho e avidez, mancomunada com seu pai, usufruindo da ingenuidade daquele povo simples e crédulo, a tal ponto que era preciso duas pessoas para segurar seus braços, quando eles estavam abertos, pois as mangas tecidas a ouro e pérolas desciam até ao chão.

— Que falta de humildade, — pensava ela, — não considerar aquelas pessoas que se ajoelhavam aos meus pés como seres humanos. Que orgulhosa eu me tornei!

E assim, Nori foi se lembrando, detalhe por detalhe, de toda aquela situação e sabia que não dava mais para recuar. Teria de prosseguir fazendo-se passar por Deusa do Sol? Teria o feitiço se virado contra a feiticeira? Como poderia desobedecer ao pai no cumprimento dessa “missão”?

— Como enfrentarei meu pai para resolver essa situação? Vou

ser desmascarada, tirarei a ilusão de um povo crédulo?

Ela sabia que sua mãe não concordava com nada daquilo e queria que a filha tivesse uma vida normal, como a de qualquer outra moça daquela vila. Por isso, vivia entristecida, deplorando das atitudes negativas. Outra coisa que a mãe de Nori deplorava eram os pretendentes, que apareciam de todas as partes, entusiasmados pela beleza e pela fortuna da moça. Mas entusiasmados também pela riqueza, pois quem viesse a se casar com ela ganharia, além do sobrenome cunhado num brasão, terras e posses. Sua taça transbordou quando, transtornada com a infelicidade da filha e com o rumo dos acontecimentos foi definhando, definhando e morreu nos braços de Nori pedindo-lhe:

— Minha filha! Tome uma atitude! Não desperdice sua vida... Enfrente seu pai, fuja aqui da vila e procure a sua felicidade com quem possa lhe dar muito amor!

Os pais daquela jovem tinham título de nobreza e terras, e sempre agradeciam em suas orações por terem uma filha tão bela, que para eles se assemelhava a uma deusa. Muito religiosos, frequentavam o templo duas ou três vezes por semana, porque Masu era um dos muitos que emprestavam grande parte de seu tempo ajudando os monges em seus afazeres rituais. Certo dia Nori foi levada às pressas para o templo, pois não estava se sentindo bem. Os monges estranharam o comportamento da jovem, que, muito contrita, abriu longamente seus braços para orar, de tal maneira que as mangas do quimono, tecidas com fios de ouro e seda, pareciam asas de borboleta.

A expressão e a postura da moça deixaram os que estavam presentes extasiados, e foi nesse momento que, vindo das alturas, um raio de luz se filtrou por entre um dos vitrais do templo e Nori, toda vestida de cetim amarelo, parecia para o povo humilde a própria deusa do sol.

Seu pai ficou desconcertado com a atitude dos moradores da vila, e sinceramente acreditou que ela poderia ser mesmo uma deusa, por isso disse para a filha com voz tremida:

— Abençoe o povo, levante os braços e permaneça assim até quando você aguentar!

Masu lembrava-se muito bem da satisfação que sempre sentiu e do orgulho que tomou seu ser por inteiro, desde aquela época. O povo do lugar achava que toda vez que a moça fazia no templo, durante as cerimônias, aquele movimento de levantar, e depois

abaixar vagarosamente os braços, ela estava abençoando e que tudo se transformaria, se naquele momento se fizessem os pedidos para que tudo melhorasse. Isso porque, na verdade, desde que o raio luminoso tocou o corpo da moça, a prosperidade veio morar em todos os lares, e todos os pedidos feitos sempre eram atendidos, e assim todos esses eventos maravilhosos eram atribuídos a ela.

Incentivada pelo pai, que acabou vendo Nori como um investimento, pois oferendas de valor incalculável, ornadas de pedras preciosas, ouro, prata, pérolas e madrepérola, vinham de terras distantes, para serem colocadas aos pés da moça, depois que o mundo ficou conhecendo os seus prodígios.

Nori, que estranhava e tinha muito medo de tudo que acontecia, enfim começou a gostar desse seu desempenho, pois sentiu que o pai se orgulhava dela, a fazia se vestir com muito apuro e suntuosidade para se apresentar no templo. Os quimonos que ela usava eram bordados com pérolas, ouro e pedras preciosas, ofertadas de bom-grado por alguns aldeões mais abastados, animados com a proteção que, tinham certeza, recebiam da deusa do sol. A moça usava ainda uma tiara de brilhantes considerada a jóia mais rara de todas, pois era encimada com pérolas negras, e reluzente como um halo de luz, que contrastava com seus cabelos, penteados como os de uma gueixa, negros como o charão e brilhantes, parecendo impregnados de laca.

Depois da morte da mãe, Nori ficou tão triste que não tinha mais ânimo para se apresentar no templo. Incentivada pelo pai e pelos amigos mais próximos, resolveu participar, mas sempre que abria os braços, pensava na mãe e chorava. Os seus seguidores, sem saberem a razão da tristeza da Deusa do Sol, choravam junto com ela, prestando-lhe solidariedade.

Por coincidência ou não, naqueles dias começou a chover e cada dia a chuva aumentava levando pontes, inundando o vale e as plantações de arroz e cereais. Era o caos, a pobreza! Toda prosperidade foi literalmente por água abaixo.

Os comentários que corriam pela comunidade responsabilizavam Nori por toda aquela desgraça; pois se dizia que foram as suas lágrimas, tão copiosas como a enchente, que contribuíram para que toda a vila fosse inundada. Os comentários tinham fundamento na idéia de que se a Deusa do Sol, quando alegre, trazia a fartura, a ruína dependia da sua tristeza, que poderia desencadear os piores castigos.

Nori não conseguia mais raciocinar... Olhando para aquele lago que a atraía para ele, entrou bem devagar e a água gelada foi congelando seu corpo branco como a flor de lótus, as maçãs do rosto, que de rosadas, agora eram brancas como a neve. Tiritando de frio, soltou um grito:

— Ah! Deus! Meu Deus! Aceita-me contigo, perdoa-me e perdoa o meu pai!

E foi afundando naquele lago, onde só as carpas vermelhas eram suas companheiras, só as algas verdes eram as tiaras dos seus cabelos e os caules dos juncos escoravam seus braços inanimados. Suas vestes longas, largas e muito pesadas, ajudaram a afundar aquela moça infeliz.

As algas iam tecendo como que uma rede para aprisioná-la e enrodilhando sua cabeleira negra como o charão e lustrosa como a laca. Sua beleza agora ficaria enfeitando aquele lago, onde a luz do sol um dia iria penetrar.

Nori nada mais sentia a não ser sossego, mansidão e paz! As ondas do lago embalavam seu corpo inerte, numa dança macabra. Suas vestes colavam naquele corpo escultural e sem vida, que as carpas vermelhas começavam a beijar.

O lago agora era o seu Templo de Paz.

Nisso, boiando, arrastada por um vento vindo do norte, por sobre o seu cadáver, bailou uma flor de lótus branca com bordas vermelhas e raízes negras como os maravilhosos cabelos da Deusa do Sol...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM

Cadeira n° 5 - Patrono: Leandro Guerrini

Escotismo: “escola na vida, pela vida e para a vida”

Com a renovação do Escotismo em nossa cidade, em 1969, depositamos toda nossa confiança e esperança, desde o momento em que conseguimos promover um memorável encontro, na sala de reuniões do Jornal de Piracicaba, onde estiveram presentes ilustres cidadãos piracicabanos, que outrora foram escoteiros e chefes, como: Arquimedes Dutra, Felisberto Monteiro, Francisco Godoy, Célio Bighetti, Moacyr C. do Brasil, Tufi Napty (este vindo do Líbano), chefe Passari, chefe Caldeira, Perilo Pantaleão e outros.

Em Piracicaba, tudo nasceu durante o “Jamboree do Ar”, título que se dava às reuniões que os radioamadores de nossa região e do mundo faziam, através das mensagens radiofônicas, para aproximação e confraternização dos escoteiros, participantes do encontro, que se dava em outubro de cada ano. Foi quando despertou na nossa consciência a fundação de um Grupo Escoteiro para a cidade de Piracicaba, o que se deu em 1970 com o nome: “**TAMANDARÉ**”.

Hoje, graças ao trabalho e perseverança de muitas pessoas, Piracicaba conta com três valorosos Grupos: “**TAMANDARÉ**” (1970), “**PIRACICABA**” (1984) e “**SÃO MÁRIO**” (1982).

Com o objetivo de oferecer algumas informações sobre o que são e o que fazem os escoteiros, mostramos aqui alguns princípios e regras de maior importância encontradas no P.O.R. (Princípios, Organizações e Regras).

MÉTODO: Dar responsabilidade e trabalhos aos rapazes de maneira que se sintam não espectadores de um programa, mas como **ATORES** do mesmo e conduzi-los por meio de jogos, costumes e tradições especiais, primitivas e românticas.

ADESTRAMENTO: Adestrar os jovens por meio de programas especiais, destinados a reunir as necessidades físicas e psicológicas em suas diferentes idades; **LOBINHO:** de 7 a 11 anos (estes seguem uma forma simplificada da promessa e da lei). **ESCOTEIROS:** de 11 a 17 anos. **PIONEIROS:** de 18 em diante.

ARTE E CAMPISMO: A saúde, a auto-estima, a coragem, o sentimento de camaradagem, uma profunda apreciação da obra de Deus, são desenvolvidos pela vida ao ar livre e o estudo da Natureza. O campismo é a chave de todo adestramento escoteiro.

MILITARISMO: Como organização, o Movimento Escoteiro não é militar em sua forma, espírito ou pensamento. O uniforme, a patrulha e a tropa, a unidade, a harmonia e o ritmo de espírito não são de ordem guerreira; servem para conservar o que os jovens adquirem no Escotismo. O Movimento Escoteiro não é militarista, porém é patriótico e prepara os jovens para a boa cidadania.

ESPÍRITO INTERNACIONAL: O Escotismo tem se ocupado em incluir e destacar em seu programa aquilo que os jovens das diferentes nações da Terra têm em comum: a igualdade de ideais e finalidades, pondo em prática meios adequados ao seu alcance e fazendo abstração de raças, crenças e castas. Daí sua influência no desenvolvimento da BOA VONTADE ENTRE AS NAÇÕES.

PROMESSA DO LOBINHO

Prometo pela minha honra fazer o melhor possível;
Para cumprir meu dever para com Deus e a minha Pátria
Obedecer à Lei do Lobinho
Fazer todos os dias uma boa ação.

PROMESSA DO ESCOTEIRO

Prometo pela minha honra fazer o melhor possível;
Para cumprir meu dever para com Deus e a minha Pátria
Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião:
Obedecer à Lei do Escotismo.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira n° 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto

Sempre ao seu lado

Sempre ao seu lado,
Eternamente estarei.
Encanto sempre sonhado,
Alegre vivenciarei.

Momentos tão felizes,
Hoje e nas recordações.
Com várias diretrizes,
Para unirem corações.

Força oculta verdadeira,
Símbolo da inspiração.
Você minha companheira,
Amor, forte paixão.

No meu silêncio

Encanto de paz,
Abraço do irmão.
Tudo satisfaz.
Fala o coração.

Sonho de poesia,
Amor poetizando.
Sinto na magia,
Vida profetizando

Estrela brilhante,
Na noite calma.
Silencia suavemente,
Dentro de minha alma.

Gratidão Poética

A você que nos prestigia,
Lendo os poemas que escrevemos.
São versos de amor e de alegria,
Que pra você oferecemos.

Aqui aclamamos a fé e o amor,
Com a maior sinceridade.
Do poeta para o leitor,
Tudo inspira felicidade.

Este poema quer lhe dizer,
Da nossa imensa gratidão.
Que bom, você sempre nos ler...
Um beijo no seu coração.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ
DE MELLO

Cadeira nº 26 - Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Homenagens

Façam-se estátuas aos heróis da guerra,
Aos soldados das trincheiras
Ou das brigadas ligeiras
Com espadas riscando o ar.

Elevem-se monumentos
Aos gênios da humanidade,
Aos santos da cristandade
Ou de qualquer religião.

Escrevam-se odisséias
Aos Ulisses das mil pátrias,
Pois toda nação possui
Seus heróis para cultivar.

Venerem os que quiserem,
Até os mais podres dos homens
Que rastejam pelo chão.

Mas, ai de vós se esquecerdes
Dos que, no cabo da enxada
Ou na rabiça do arado,
Retiram da terra brava
O pão que alimenta todos.

A boa árvore

- Veja esta árvore, filho, como é bela.
Como se veste sem qualquer vaidade.
Com toda a colossal simplicidade
Como é sublime essa beleza dela.
- E como nos conforta o peito vê-la
Dando frutos e sombra com bondade
Ao caminheiro de qualquer idade
E à passarada alegre e tagarela.
- Quem foi, meu pai, essa alma generosa
Que cuidou desta planta, a mais formosa,
Entre todas aquelas que já vi?
- Meu filho, foram mãos desconhecidas,
Anônimas, por certo, redimidas.
Talvez de um santo que parou aqui.

Olhos ternos

- Aquele homem andara pelo mundo
Procurando uma tal felicidade
De que ouvira falar, em tenra idade,
Mas nunca vira nem por um segundo.
- Percorrera cidade por cidade.
Foi do palácio – o luxo mais profundo –
Ao lupanar – a escoria do submundo –
Sem encontrá-la. Era uma irreabilidade.
- Certa noite avistou, num lar paupérrimo,
A mãe feliz a dar o seio ubérrimo
À criancinha loira, rosicler.
- Aí o velho achou o seu tesouro
Muito maior que a pedra, a prata, o ouro –
Naqueles olhos ternos de mulher.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA
Cadeira nº 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Curiosidades do Reino Animal

a) O peixe-voador, que vive em mar aberto, em cardumes numerosos, possui enormes nadadeiras peitorais em forma de asas, as quais lhe permitem escapar de seus predadores saltando para fora d'água e planando no ar, às vezes numa distância de até 200 metros.

b) O bicho-da-seda é a larva de uma mariposa que se alimenta exclusivamente de folhas de amoreira. Na fase final do seu desenvolvimento (crisálida), tece um casulo. Quando se visa a produção de seda, a crisálida é morta por água quente, dentro do casulo.

c) É sabido que a baleia é um mamífero aquático. O que pouca gente sabe é como o filhote de baleia mama. As glândulas mamárias da baleia-mãe jorram o leite na água; o leite é tão gorduroso que não se mistura à água, e assim o filhote pode bebê-lo.

d) A reprodução dos peixes é ovípara, isto é, por meio de ovos. Na maioria dos casos, a fêmea põe na água grande número de ovos; o macho a acompanha e espalha o esperma sobre os ovos depositados pela fêmea. Os filhotes que nascem chamam-se alevinos.

e) O musaranho é o menor dos mamíferos. Semelhante ao camundongo, ele mede 5 a 10 centímetros e pesa apenas 15 a 20 gramas; mas ataca e devora pequenos animais que chegam a ter o dobro do seu tamanho. Ao nascer, pelado e de olhos fechados, o musaranho é menor que uma abelha e pesa cerca de 2 gramas.

Curiosidades do Reino Mineral

a) Há um tipo de erosão chamada erosão subterrânea, que se caracteriza pela ação destruidora da água que se infiltra no solo, causando boçorocas, cavernas, grutas e sumidouros. Geralmente ocorrem em terrenos calcários ou solos muito arenosos.

b) A Sociedade Brasileira de Espeleologia (ciência que estuda as cavernas) já cadastrou 3.965 cavernas existentes no país. A maior delas é a Toca da Boa Vista, em Campo Formoso, na Bahia. Ela é a

décima quinta do mundo, medindo 97.300 metros de extensão.

c) O ferro é o mais usado dos metais, sendo o principal constituinte dos vários tipos de aço. Anualmente, são produzidas mais de 500 milhões de toneladas de ferro no mundo, obtidas a partir de minérios de ferro.

d) "Loess" é o nome de um sedimento eólico (depositado pelo vento), de granulação fina (silte), rico em quartzo e calcita, friável e homogêneo, sem estratificação. Ocorre em certas regiões da Europa e da Ásia (Alemanha, Rússia, China), no vale do Mississipi (Estados Unidos) e na Argentina (Pampas). Dá origem a solos de alta fertilidade, conhecidos como Chernozem.

e) Chama-se veio ou vieiro a massa mineral tabuliforme que preenche as fendas de uma rocha encaixante. No caso de preenchimento por magma, recebe a designação de dique ou "sill", conforme seja discordante ou concordante com as camadas encaixantes, respectivamente.

Curiosidades do Reino Vegetal

a) A árvore mais velha conhecida no Brasil é um jequitibá existente no Parque Estadual de Vassununga, em Santa Rita do Passa Quatro (SP), que tem 3.020 anos. O diâmetro do tronco tem 3,60 metros e o da copa, cerca de 40 metros.

b) Em relação à produção global, o milho é a planta mais cultivada, produzindo anualmente mais de 600 milhões de toneladas de grãos. O arroz e o trigo vêm em seguida, com pouco menos de 600 milhões de toneladas. Juntos, estes dois últimos constituem a base da alimentação humana.

c) A jaqueira, assim como a jabuticabeira, produz seus frutos no tronco e nos galhos. Aliás, a jaca é o maior fruto comestível, medindo até 80 cm de comprimento e chegando a pesar mais de 15 kg.

d) A barriguda, árvore típica do Nordeste Brasileiro, possui o tronco intumescido na parte mediana, onde chega a medir 1,5 m de diâmetro.

e) As lianas ou cipós são plantas trepadeiras que, por se apoiarem em outras plantas (árvores e arbustos), podem atingir grande altura, chegando a mais de 100 m. Ocorrem principalmente em florestas tropicais, sobretudo na floresta Amazônica.

Curiosidades da Língua Portuguesa

A) A palavra planta se aplica a qualquer vegetal. Acompanhada de qualificativos, assume diferentes significados. Exemplos:

a) planta do pé: sola do pé;

b) planta de construção: representação gráfica dos detalhes da construção, vistos em projeção ortogonal sobre um plano horizontal;

c) planta topográfica: mapa ou representação gráfica do levantamento de uma cidade ou propriedade rural;

d) plantas superiores: Fanerógamas ou plantas que produzem flores, órgãos de reprodução vegetal;

e) plantas inferiores: Criptógamas ou plantas que não produzem flores, utilizando outros meios de reprodução;

f) plantas espontâneas: as que nascem naturalmente;

g) plantas cultivadas: as plantadas pelo homem;

h) plantas herbáceas: plantas não lenhosas, de pequeno porte;

i) plantas epífitas: que vivem sobre outras plantas, sem parasitá-las;

j) plantas xerófitas: de ambientes secos etc.

B) A aguardente de cana é uma bebida alcoólica que, popularmente, recebe um grande número de nomes, alguns pitorescos.

Exemplos:

a) pinga;

b) cachaça;

c) caninha;

d) abrideira;

e) água que passarinho não bebe;

f) bagaceira;

g) branquinha;

h) esquentar por dentro;

i) cobertor de pobre;

j) mata-bicho etc.

Curiosidades do Universo

a) Até o século XIX, acreditava-se que o universo se limitava à galáxia da qual o sistema solar faz parte — a Via Láctea. Hoje, com o aperfeiçoamento dos métodos de prospecção do espaço, sabe-se que o universo é formado por um grande número de galáxias que, por sua vez, agrupam bilhões de estrelas e, provavelmente, um número equivalente de sistemas planetários.

b) Com advento do telescópio, no início os astrônomos confundiam galáxias com nebulosas. A real estrutura das galáxias só foi conhecida a partir de 1.920, com o emprego do telescópio refletor do Observatório de Mont Wilson. As galáxias são constituídas por uma associação de estrelas, poeira e gás.

c) Definidas como universos-ilhas, hoje sabe-se que existem bilhões de galáxias, umas maiores e outras menores do que a nossa Via Láctea.

d) O universo tem, segundo os astrônomos, 14 bilhões de anos. Teve início com uma grande explosão, chamada “big-bang”, e até hoje continua se expandindo.

e) Nebulosas são nuvens de matéria interestelar, contendo grandes quantidades de gases e poeira, finamente dividida. Existem de todos os tamanhos, claras e escuras, principalmente nos braços das galáxias espiraladas.

Curiosidades do corpo humano

a) As unhas das mãos crescem 1 centímetro a cada 28 dias. Elas crescem aproximadamente quatro vezes mais rápido do que as unhas dos pés.

b) Considerando-se as unhas das mãos e dos pés, cada pessoa corta, no decorrer da sua vida, cerca de 58 metros de unhas. Se uma pessoa cortar as unhas das mãos e dos pés duas vezes por mês, aos trinta anos terá acumulado 7 quilos de unhas.

c) Quando uma pessoa espirra, o ar saído seu nariz com uma velocidade média de 160 km/hora. Os homens espirram mais do que as mulheres.

d) O intestino delgado mede 6 a 9 metros de comprimento. O intestino grosso tem apenas 1,5 metro, mas é três vezes mais grosso.

e) A água constitui cerca de 70% do corpo humano. Dentro dele, a água transporta alimentos, resíduos e sais minerais; lubrifica tecidos e articulações, conduz glicose e oxigênio para o interior das células e regula a temperatura do corpo.

Curiosidades geográficas

a) A Amazônia abriga o maior arquipélago fluvial do mundo, o de Mariuá, com cerca de 700 ilhas, que fica no leito do rio Negro, afluente do rio Amazonas.

b) A Antártida é o continente que fica no Pólo Sul e tem o tamanho de um Brasil e meio. No inverno, por causa do congelamento do mar, o continente aumenta de tamanho, ficando quase do tamanho da África.

c) Por outro lado, no Pólo Norte não há terra, só o Oceano Glacial Ártico, que fica recoberto por uma camada de gelo que recebe o nome de banquisa.

d) Amazonas, Roraima, Amapá e Pará são os estados brasileiros atravessados pela linha do equador. Sergipe é o menor estado do país, enquanto Amazonas é o maior.

e) A Zona dos Cocais fica no Maranhão, entre a floresta tropical úmida e a caatinga do Nordeste semi-árido. Além de árvores típicas da floresta amazônica, nela se encontram palmeiras como a carnaúba e o babaçu.

f) A parte mais espessa da crosta terrestre, com cerca de 75 km, localiza-se na cordilheira do Himalaia (China).

g) A parte continental menos espessa da crosta tem cerca de 15 km e localiza-se no Vale do Great Rift, nordeste da África.

Curiosidades do Sistema Solar

a) O Sol, assim como as outras estrelas, é um astro gasoso, devido à altíssima temperatura (1 milhão de graus centígrados). Os principais componentes são o hidrogênio (71%) e o hélio (26%).

b) Os quatro planetas menores do sistema solar, e os mais próximos do Sol – Mercúrio, Vênus, Terra e Marte – são rochosos.

c) Os quatro planetas maiores e mais distantes do Sol – Júpiter, Saturno, Urano e Netuno – são gasosos, devido à alta temperatura; porém possuem um núcleo rochoso.

d) Dos planetas do sistema solar, Júpiter é o maior deles e o que possui maior número de satélites: 12. O maior destes, Ganimedes, tem o tamanho de Mercúrio.

e) Saturno apresenta a particularidade de possuir um grande anel completamente isolado do planeta e situado em seu plano equatorial. Esse anel subdivide-se em três zonas principais, de brilhos diferentes.

f) Plutão, que até recentemente era considerado o menor planeta, agora passou para a categoria de asteroide, tornando-se o maior deles.

Curiosidades da Amazônia

a) A Amazônia é uma grande região natural situada no norte da América do Sul, que inclui toda a bacia do rio Amazonas, abrangendo terras do Brasil, Guianas, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, totalizando uma área de 3.580.000 km².

b) É chamada “hiléia” a floresta latifoliada (folhas largas) e perenifolia (folhas perenes) que cobre a maior parte da Amazônia, constituindo a maior floresta tropical do mundo, só superada pela floresta temperada de coníferas, da Rússia.

c) Apresenta grande biodiversidade ou diversidade biológica, contando com cerca de 100 mil espécies vegetais e aproximadamente 1 milhão de espécies animais, com predominância dos insetos.

d) No Brasil, compreende os estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima, Tocantins, oeste do Maranhão e Norte do Mato Grosso, perfazendo uma área de 3.026.500 km², correspondente a 57% do território brasileiro.

e) O clima predominante é quente e úmido, praticamente sem estação seca. O total anual de chuvas varia de 1.000 a 3.000 mm.

f) A bacia hidrográfica do Amazonas é a maior do mundo, contendo grande número de rios que são mais longos que qualquer rio europeu.

g) O rio Amazonas é o maior do mundo em volume d’água, com uma vazão média de 200.000 m³/seg.

h) O rio Amazonas é o segundo maior rio do mundo em extensão, sendo superado apenas pelo rio Nilo, com um volume d'água bem menor. Mede 6.280 km, desde a sua nascente no Peru, no alto dos Andes, até a sua foz na costa norte do Brasil.

i) No trecho final, a largura do rio Amazonas é considerável, chegando a alcançar algumas dezenas de quilômetros, parecendo um verdadeiro mar de águas barrentas. Na época das inundações, o seu leito maior fica totalmente recoberto pelas águas, atingindo em certos trechos uma faixa de 50 km de largura.

j) Na foz do Amazonas, as marés se manifestam com grande amplitude e impetuosidade, produzindo o fenômeno chamado pororoca, que é o estrondo ocasionado pelo encontro das correntes de marés com as correntes fluviais.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
Cadeira nº 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Meu tio Nenezinho

O tio Nenezinho foi uma figura ímpar e inesquecível. Chamava-se Docler, mas detestava o seu nome. De vez em quando, para externar seu desagrado, perguntava:

– “Você conheceu outro Docler? Creio que eu seja o primeiro e único!”

Realmente, nunca eu soube de outra pessoa assim chamada. Nem o Google, nos dias de hoje sabe. Já o consultei.

Minha aproximação, com esse querido tio, deu-se a partir dos meus doze anos, quando me mudei para Piracicaba – cidade em que ele morava no final da década dos anos 50. Nessa época as famílias se visitavam mais, independentemente de datas especiais, como as de aniversário ou casamento; se viam mais, e não somente em ocasiões obrigatórias de encontros por causa de doença ou morte de algum familiar. A gente fazia visitas para amigos e parentes, sem hora marcada. Podia-se chegar a qualquer momento, batendo palmas e gritando “oi de casa!”, para simplesmente bater papo, “filar bóia”, tomar cafezinho ou jogar cartas etc.

Esses encontros se davam ora na residência de um, ora na de outro, contudo a casa do tio Nenezinho tinha uma atração especialíssima: a piscina. Pelo que sei, foi a primeira a ser construída numa casa particular em Piracicaba. Era novidade e fazia enorme sucesso. Aliás, a sua residência também chamava a atenção pelo estilo normando, então muito raro na arquitetura domiciliar. Essa casa, na esquina das ruas XV de Novembro e José Pinto de Almeida, em Piracicaba, ainda existe, mas, há muito tempo, é propriedade de terceiros. Atualmente, essa inusitada construção já não mais chama a atenção, pois está escondida atrás de muros levantados em função da crescente violência urbana.

Foi nessa piscina que aprendi a nadar, com instruções de minha tia, exímia nadadora, e que praticava esse esporte para manter a forma física. Por sua vez, não guardo lembrança do tio Nenezinho

nadando nesse local. Para cuidar de sua performance fazia suas caminhadas, deixando o seu carro somente para momentos e trajetos especiais. Aliás, eu admirava o seu automóvel: um belo Oldsmobile-88, hidramático (como era então chamado o câmbio automático), quatro portas, lindo “bel-air”, de cores suaves, produzido nos anos cinqüenta. Meu sonho era, um dia, dirigi-lo. Como tudo dele, o carro era bem cuidado; estava sempre limpo, brilhante e impecável.

O tio Nenezinho tinha um belo físico, creio que resultado do remo que praticara, na juventude, no caudaloso rio Piracicaba. Seus cabelos, totalmente brancos desde os seus 25 ou 30 anos, com o que não se conformava, chamavam a atenção. Semblante alegre, bem apessoado, vestia-se com muito gosto. Seus ternos eram feitos na capital paulista, em alfaiate de renome ou de “grife”, como se diz hoje, e todo o restante, em matéria de indumentária, era do bom e do melhor, o que garantia a sua notória elegância. Parecia um verdadeiro lorde!

O Hotel Central, o melhor da cidade até a década dos anos 60 ou pouco mais, pertencia à família do tio Nenezinho. Ficava no chamado Largo da Matriz (depois Praça da Catedral), na esquina da Moraes Barros, onde hoje há um edifício-garage. Era um prédio imponente, demolido, pelo que se dizia, para evitar o provável tombamento (antes o hotel fora residência do senador Vergueiro, daí seu valor histórico), quando já não mais pertencia aos sucessores de Janjão de Castro, pai do meu tio. Não sei muito dessa história, nem de sua veracidade, porém “se non è vero, è bene trovato”.

Os “sinais exteriores” indicavam que sua família tinha recursos e rendas que lhe propiciaram uma vida tranquila. Presumo que, mais tarde, com a morte de seus pais, tenha herdado parte do hotel, que estava sob a direção de seu irmão. A exploração da atividade hoteleira, e, quiçá, algo mais aplicado em negócios, na condição de sócio capitalista, lhe permitiram continuar levando vida folgada e de bom nível. Ademais, sua esposa, minha tia por parte de mãe, foi professora em escolas estaduais (a Escola Normal, depois Instituto de Educação Sud Mennucci foi uma delas), quando os mestres ganhavam muito bem. Quando a gente perguntava ao tio Nenezinho o que ele fazia, respondia jocosamente:

- Sou jurista.
- Ah! o senhor é advogado?
- Não, eu vivo de juro! E dava aquela risada gostosa.

Sei que, durante algum tempo, ele foi sócio de outros tios meus, seus cunhados, inicialmente numa livraria e depois numa casa de material elétrico, locais onde ele passava parte de suas horas, porém sem se envolver no negócio. Era realmente o tal sócio capitalista, nada de trabalho. Para matar o tempo, sempre encontrava sempre alguém disponível, tal como ele, com quem entabulava uma boa conversa fiada. Outras vezes, estava entre os que formavam uma roda, na praça, para ouvir as piadas contadas por Bráulio de Azevedo, ou admirar as imitações que este fazia com perfeição.

Brincalhão, meu tio gostava de dizer: “Se tiver de me falar algo na vida, que me falte o trabalho”. Muito espirituoso e bem humorado, tinha frases clássicas e peculiares, verdadeiras marcas registradas de sua alegria, bem como anedotas inocentes, mas muito gozadas, que facilmente provocavam o riso, quando não verdadeiras gargalhadas. Mesmo que repetisse o repertório, o que era costumeiro, a gente sempre as achava engraçadas, como se fosse a primeira vez que a gente estivesse ouvindo.

Até hoje, guardo muitas das suas famosas frases, que, emprego em momentos apropriados, lembrando-me dele, com grande saudade. Uma delas era: “Calma, cavalos, calma...”, imitando os locutores de corridas de cavalos no Jockey Clube de São Paulo, que ele proferia quando alguém se exaltava. Ou então, a rima que fazia, com o tempo de verbo terminado em “emos”, ao qual, por exemplo, acrescentava a expressão: “como dizia Honório de Lemos”. Por exemplo: “Cantemos como dizia Honório de Lemos”. Tola brincadeira, mas que saída da boca dele despertava o riso.

Uma ocasião, ele decidiu que iria fazer alguma coisa, pois estava se sentindo inútil. Pediu ao meu tio Jacques, do qual era sócio numa casa comercial de material elétrico, que o ensinasse a consertar ferro de passar roupa. Prontamente foi atendido e um funcionário passou a dar-lhe aulas práticas até ele aprender a fazer o conserto. Depois de duas semanas, chegou o grande dia. Atendeu uma senhora que levou o ferro elétrico de passar roupa para a troca da resistência. Depois de um rápido exame, constatou que realmente estava queimada. Disse-lhe à mulher que iria fazer o serviço, pedindo-lhe que voltasse no final da tarde. Na hora aprazada, lá estava ele todo vitorioso e exultante, aguardando a chegada da freguesa. Ao vê-la, explicou o que fizera, embrulhou o ferro, cobrou o preço e entregou-o a ela. Quando esta pegou o ferro, estranhando o peso, reclamou:

— O ferro ficou muito leve. O que aconteceu?

Vermelho de vergonha, a “ficha” caíra. Havia se esquecido de colocar a peça de ferro, sobre a resistência, que dava ao ferro o peso necessário para alisar os tecidos. Nunca mais consertou coisa alguma. Foi a primeira e única vez. Desistiu do ofício.

Na verdade, eletricidade não era coisa de que gostasse. Choque então lhe metia medo. Basta dizer que para trocar uma lâmpada queimada em sua casa, ele desligava o “relógio de força”. Certa vez, ao terminar uma operação dessas foi ligar a força e, coincidentemente, no momento que empurrou a chave do relógio, estava uma pessoa com o dedo na campainha da porta rua, que ao emitir o forte sinal sonoro quase o derrubou, dado o susto que levou. E minha tia dizia, é realmente um nenezinho!

Ele gostava de bons relógios e os tinha; nada menos que o Patek Philippe e Vacheron Costantin, até hoje entre os considerados melhores e mais caros do mundo. Um paradoxo, pois não tinha compromissos com hora marcada. Aliás, não tinha horário para nada, a não ser para as refeições. Ele não se levantava muito cedo. Com a calma que Deus lhe deu, depois de fazer a barba e tomar seu banho matutino, ainda de pijama, porém com um vistoso chambre e de chinelos, se deliciava com seu demorado café. A seguir, ia para a sala de estar, onde num confortável sofá, fazia a leitura do Estadão, seu jornal preferido, cuja linha editorial combinava, política e ideologicamente, com suas idéias, bastante conservadoras. Depois, vestia-se como se fosse para uma cerimônia importante: terno, ou seja, paletó e gravata, sempre combinando os tons, para dar uma simples saída nos arredores. Seu pretexto era fazer compras no supermercado, levando a lista que a empregada preparava. Ia a pé, andando coisa de uns oito ou dez quarteirões, sem pressa. Nunca comprava tudo. Sabem por quê? Dizia ele:

— Se eu trazer tudo, o que farei à tarde?

Pois bem, chegava, tirava a indumentária, colocando-se mais a vontade, para terminar a leitura do jornal. Ficava por ali, com o rádio ligado, pois tinha algo importante para conferir. Ele ouvia a Rádio Gazeta que, faltando segundos para o meio-dia, tocava uma sirene num determinado tom e volume, que eram aumentados ao marcar exatamente 12 horas. Então ele olhava o seu relógio para conferir e declarar-se vitorioso:

— O relógio da Rádio Gazeta está certo!

Interessante: ele era tímido e não gostava de ambientes estranhos. Quando era convidado para uma festa, que não fosse na família ou em casa de amigo mais íntimo, dificilmente ele ia. Costumava usar uma das suas frases lapidares: “Não gosto de festa que tem bugio de outro mato”. Preferia uma partida inocente de baralho, caixeta ou buraco, com apostas bem fraquinhas, com os familiares, aliás, o que era comum.

Nessa linha, certo dia, andando com ele pela Avenida São Luiz, em São Paulo, dei por falta dele. No meio do movimento de pedestres, ele desapareceu. Olhei para um lado, para outro e nada de encontrá-lo. Passados pouquíssimos minutos, eu já preocupado, o vejo sair de uma loja.

Indaguei-lhe:

– Vendo vitrines? Comprando algo?

– Não. Nada disso. Ocorre que eu vi vindo pela mesma calçada, em direção contrária, uma família conhecida lá de Piracicaba. Com certeza, o pessoal iria parar, pois há tempos não via aquela gente, e, mecanicamente ou protocolarmente, perguntar como estou indo. E eu a eles, teria de fazer educadamente a mesma indagação. Todos diríamos que estava tudo bem, mesmo que não estivesse, para então cada qual seguir seu caminho. Para mim, isso não acrescenta nada, é pura perda de tempo, razão pela qual, quando posso, evito esses encontros. Seguramente, para ele, aqueles eram “bugios de outro mato”.

Mais uma apenas, para terminar. Meu tio Nenezinho não gostava de viajar, ao contrário da minha tia, que não perdia oportunidade de fazê-lo. Ela combinava com alguém, uma amiga, uma cunhada e saía pelo Brasil e pelo mundo: de ônibus ou navio. Ela morria de medo de avião. Pois bem, meu tio renegava ter de ir levá-la ou buscá-la, por exemplo, em Santos, quando a viagem era por mar. Contudo, uma vez ele surpreendeu a todos. Minha tia planejava uma viagem à Europa, com minha avó e uma tia, e ele decidiu ir também. Foi, mas renegando tudo, não achando graça em nada, dizendo que o rio Piracicaba era mais bonito do que o Reno e coisas que tais. Houve um lugar em que ele se transformou. Estava alegre, quis sair para fazer compras, logo que chegou. Sabem onde? Na Suíça. Por quê? Era o lugar para comprar um daqueles famosos relógios, os melhores relógios do mundo daqueles dias. Também, depois de adquirir o que pretendia, disse:

– Agora, já posso ir embora. Era tudo o que eu queria dessa viagem.

O curioso é que quando o navio atracou de volta, o seu passaporte, que, conforme normas internacionais, ficara, durante a viagem, tal como o dos outros passageiros, com o comandante do navio, havia sumido. Enquanto não achassem, ele não poderia desembarcar. E ele, louco para desembarcar, falava para o encarregado do controle, durante a viagem:

— Podem ficar com o meu passaporte. Façam dele o que quiserem, pois não pretendo viajar nunca mais!

Que saudade do tio Nenezinho! Ele gostava da vida. Amava tanto que costumava dizer:

— Quando eu morrer, quero que coloquem no meu túmulo o seguinte epitáfio: “Aqui jaz, muito contra sua vontade, Doçler de Castro”. E com todo o seu apego à vida, morreu, quatro meses depois do falecimento da sua esposa, sem ter absolutamente nada, a não ser saudade dela.

O autor é membro da Academia Piracicabana de Letras e tem como *patronesse* a Profa. Laudelina Cotrim de Castro, esposa de Doçler de Castro, o seu tio retratado nesta crônica.

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HUGO PEDRO CARRADORE
(IN MEMORIAM)**

Cadeira nº 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade

Oração a Piracicaba

Bendita, oh! Terra Minha, de filhos ilustres e tradições gloriosas,
Piracicaba, hino de amor, emoção e promessas ditosas...
Amo-te pelo esplendor de tua beleza,
pelo teu rio que serpenteia e cai em cachoeira de espuma branca,
onde o arco-íris nasce num véu de tanta pureza.
Amo-te pelo riso de tuas crianças, pelo encanto de tuas avenidas,
Pelas tuas paisagens e pelos teus amores.
Amo-te, pelas gotas de orvalho, lágrimas das noites piracicabanas,
Caídas nas pétalas das tuas flores.
Amo-te, pelo sangue de teus filhos derramado, mortos na luta de 32,
heróis venerados do berço pátrio.
Amo-te, quando levanto os olhos para o céu,
e vejo lá no alto do Bom Jesus, de braços abertos,
o Cristo abençoando teus filhos que penetram o sagrado átrio.
Amo-te, pelo verde magnífico dos teus canaviais,
pela tua indústria, que é uma sinfonia de progresso.
Amo-te nos versos dos teus poetas
E na saudade de teu filho egresso.
Recebe, oh! Cidade terna, esta singela oração!
Mãe e noiva, que as palavras cheguem a ti, como a serenata de um
violão,
nas madrugadas brindadas pelo beijo das estrelas.
Noiva eterna namorada, pelo teu resplandecente véu,
Que eu expire em paz, sob o teu sagrado chão, tendo como mortalha
o teu céu.
Amém.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGREI
Cadeira nº 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Minhas mãos

Um dia, fatalmente terei de devolver meu corpo à terra para que se entranhe nela e se transforme em pó.

Nesse dia, entregarei com especial alegria, ao Criador de todas as coisas, as minhas mãos, dizendo:

— Eis aqui, Senhor, as minhas mãos, instrumentos que me concedestes para cumprir meus encargos nesta vida. Devolvo-as envelhecidas, crestadas pelo sol, cheias de cicatrizes, rugas, calosidades e manchas, devido ao uso constante que fiz delas.

Um dia já foram rosadas, pequeninas e rechonchudas, ávidas por mexer em tudo, descobrindo o mundo. Já foram mãos jovens e claras, suaves ao toque, macias, dedilharam as teclas do piano e as cordas de um violão.

Colheram frutos maduros, plantaram árvores, juntaram buquês de flores, construíram castelos de areia nas férias, na praia.

Prestativas, fizeram curativos, bordaram, cerziram, costuraram e acenaram nas partidas. Enviaram beijos e apertaram outras mãos calorosamente nas chegadas.

Também se entrelaçaram muitas vezes com outras mãos, numa troca mútua de afagos, levando no anular esquerdo, o símbolo desse amor.

Carregaram bebês, seguraram mãozinhas infantis, amparam mãos idosas.

Banharam crianças, trocaram fraldas, vestiram, pentearam, arrumaram leitos e mesas. Encaparam cadernos escolares, enfeitaram árvores de Natal, acenderam velas, repassaram com fé as contas de um rosário.

Nas vésperas das alegres e aguardadas festinhas, enrolaram muitos brigadeiros, bateram bolos e confeccionaram bombons.

Sovaram pães, desenharam, escreveram cartas de amor. Mais tarde foram os contos, crônicas, mensagens e poesias, muitas poesias.

Lavaram, passaram, varreram, cozinham refeições todos os dias, por anos a fio. Fizeram doces, compotas e sopinhas de bebês.

Solidárias, acariciaram centenas de animaizinhos, curaram suas feridas, salvando muitos do sofrimento e da morte certa.

Falaram silenciosamente quando a boca não tinha palavras e os olhos pediam ação.

Jamais empunharam armas ou se levantaram para agredir, ferir, matar ou mutilar.

Estas mãos, agora jazem inúteis, perderam a sua função.

Mas trabalharam até o fim; e se cruzam neste instante, como se em prece estivessem.

Cumpriram sua missão.

Castelos da Escócia

Viajar a bordo de um trem, da Inglaterra até a Escócia, é uma experiência única e fascinante.

Nos vales pastam fofos carneiros, que no inverno confundem-se com a pastagem esbranquiçada pela geada, entre rios e lagos congelados. As paisagens são de tirar o fôlego.

Edimburgo, a capital, é de uma beleza indescritível, cercada por castelos medievais, construídos sobre as montanhas, por isso a denominação Highlands, terras altas. Caminhar por suas ruas de pedra, é como se estivéssemos gravando cenas do filme “Coração Valente”, rodado naquelas charmosas paragens. Reportamo-nos à época das cruzadas e dos cavaleiros.

Por mais que se tente, é impossível não entrar no clima de magia e mistério. Quem não acredita em contos de fadas, visitando Edimburgo e seus inúmeros castelos no alto das colinas, certamente vai começar a crer.

Nos museus, fragmentos de histórias de reis, rainhas, condes, lordes, que viveram suas sagas naqueles pomposos solares e castelos. Tantos dramas, romances, traições, batalhas campais e festas, e aquelas paredes cobertas de musgos, são testemunhas mudas desses acontecimentos. Turistas são praticamente arrebatados para eras remotas.

Em cada esquina, um escocês vestindo a tradicional saia kilt, extrai sons melodiosos e suaves de uma gaita de fole.

O chão rústico é formado de pedras arredondadas e lisas, polidas pelo caminhar ininterrupto dos habitantes em centenas de anos.

Castelos rodeados de canhões e ruínas atestam a veracidade de muitas batalhas. Casas, tavernas, mausoléus, abadias, imagina-se que a qualquer momento personagens de contos de fadas irão surgir dos escuros e estreitos becos. Não é à toa que a escritora J.K. Rowling, autora da famosa série Harry Potter, teve tantas inspirações, morando na Escócia.

Um vento frio e cortante faz a temperatura parecer mais baixa ainda. Às três da tarde já começa a escurecer e às 4 horas já é noite fechada. O alvorecer também demora. O sol é bem preguiçoso no inverno escocês. Quase nunca dá as caras e as tardes são cinzentas e frias. Acostumados que estamos com nosso verão escaldante e colorido, a mudança de clima, para quem viaja no final do ano, é radical.

A arquitetura é harmônica e não existe trânsito caótico como aqui.

Muralhas, monumentos preservados, igrejas, como a catedral de St. Gilles, ruas limpas, canteiros bem cuidados, a parte nova e a antiga convivem em perfeita harmonia.

Histórias não faltam para povoar o imaginário dos visitantes. Reza a lenda que no lago Ness existe um ser remanescente da pré-história, o Monstro de Loch Ness, mistura de tartaruga e serpente com pescoço alongado. Muita gente jura que viu...

Constam das lendas que doze castelos escoceses são mal assombrados. Reis assassinados, rainhas decapitadas, generais montados em seus cavalos, praticantes de magia negra, mulheres rejeitadas, gaiteiros de fole, crianças perdidas, conspiradores, executores, todos se transformaram em fantasmas que vira e mexe vêm assombrar os corredores dos castelos procurando reaver suas vidas.

Lendas à parte, vale a pena conhecer esse lugar cheio de encanto e magia.

Poema da Madrugada

Livre dos véus
flutuo nos céus
Ganho asas voláteis
e unhas retráteis
Fico meio bicho, meio gente
às vezes lúcida, outras demente

Sou bruxa, sou fada
 anjo ou endemoninhada
Andarilha
 sigo a trilha
de poetas
 e de profetas
Viro lua, sou poeira
 desato laços, abro a porteira

Até que se rompa a aurora
 e os sonhos vão-se embora...

Veneza

Pelos canais de Veneza
 Navego meus sonhos
Encantos verdes e azuis flutuam
 Nas espumas dançarinas
Entardece,
 Réstias de sol calcinam as águas
Anoitece,
 Uma lua de purpurina
Prateia minhas fantasias de menina...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA
NEGREIROS ATHAYDE

Cadeira n° 34 - Patrono: Adriano Nogueira

Metalinguagens

I

nos versos livres/brancos

(1) A Poesia

Nos versos de um poema
cabe inteiro o Universo
Condensado
na magia das palavras
Iluminado
pelo encanto das metáforas
e alegorias
Descoberto aos poucos
nos sussurros das entrelinhas
aninhados sutilmente
na cadência mística
da estrofe

No universo do poema
os versos pintam galáxias
e constelações candentes
Salpicos de estrelas
e sonhos
completam a tela
envolta na moldura nebulosa
da alma do poeta

O verso não disfarça
o seu reverso
asfixiado
no universo imenso do poema

Além da moldura
o verso, que era verso,
e o poema, que era poema
fazem o milagre da POESIA

(2) Tempo/Poema

Estaca o tempo
Enquanto
desliza o poema
envolto
em febre e transe

Estaca o poema
Enquanto
desliza o tempo
envolto
em atonia estanque

No ser/não ser
Do tempo e do poema
o poeta
tempoema
ou não

Soçobram
reticências
interrogações
e o pensamento perdido
na diagonal das linhas

Ao poeta
Só
sobra a alma
desconstruída
despontuada
desmetrificada

envolta apenas
na ebriedade da Poesia

II

no soneto

O Soneto e eu

Difícil do soneto é encontrar a rima
que venha esmerilhada e com cesura pronta
na justa comunhão do som, da luz, do clima
que hão de permear os versos, ponta a ponta

Preciso é que a palavra que o verso anima
abrigo possa achar na imagem que desponta.
Que venha desbastada ao fim dessa vindima
as pérolas do Lácio unindo conta a conta

Por isso o meu desgosto em criar sonetos.
Fazer que rimem, suave, quadras e tercetos
e casem-se as estrofes no poema inteiro

São tantos os cuidados, e os grilhões são tantos!
Até que a Poesia verta seus encantos
nas sílabas finais do verso derradeiro.

III

no conto

(1) **Gênese dolorosa** (mini-conto)

Tentava condensar a quadra mais amarga da história da sua vida nas linhas apertadas de um conto; sabia que era preciso escolher as palavras, desprezar os floreios que deixam a frase obesa,

enxugar as metáforas que esticam o fio condutor da narrativa, suprimir ecos e aliterações que lembram rimas poéticas; era preciso usar pontuações adequadas que dão fluência e amálgama ao personagem e às suas peripécias, enquadrar a ação do personagem e o movimento narrativo no binômio espaço/tempo para estabelecer empatia com o leitor; era preciso fazer que o tema se insinuasse aos poucos, sem sobressaltos, para evidenciar-se somente no epílogo, ou depois dele; era preciso trabalhar a concisão da história, nem tão pouco que a transformasse num romance, nem muito para que se fizesse mera crônica.

Ao final, percebeu que condensara tanto o amargo de sua história, que a essência de sua dor acabou por transbordar das entrelinhas, gotejando lamentos e os restos de seus sonhos mortos.

(2) Nati-morto
(micro-conto)

O sujeito oculto despreendeu-se do tema, no exato momento em que o verbo arrogava-se senhor da ação.

E o conto desfez-se em reticências...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira nº 35 - Patrono: Prudente José de Moraes

Causos de Ariranha

O aluguel

Uma larga e empoeirada avenida cortava a pequena cidade de Ariranha da Serra, seus moradores eram conhecidos por ser gente afeita ao trabalho. Encravada entre propriedades de grandes fazendeiros, a cidade não tinha o menor interesse em crescer, o posto de saúde funcionava bem, havia água encanada e esgoto em todas as residências, há muito tempo não se via um mendigo. Dois ou três bêbados conhecidos completavam a paisagem, eram de famílias conhecidas, entregaram o espírito e os lábios para a boca da garrafa. As localidades vizinhas adeptas do lema de “progresso a qualquer custo” estavam pagando caro por isso. Os ararinhaenses à noitinha gostavam de colocar suas cadeiras nas portas das casas, tomando a fresca e passavam horas conversando. Os causos eram da própria cidade ou de localidades vizinhas. Diziam que era fato acontecido, como aquele com o Alcides Moreira. Despejado de uma casa, na vila vizinha, ele se viu na rua com a mulher e 11 filhos. Os proprietários de casas julgavam uma temeridade alugar para uma família tão numerosa, com tantas crianças qualquer residência logo estaria em estado lamentável. Cidão Aguarrás como era conhecido pela sua profissão de pintor de paredes, desesperado passou a buscar qualquer casa vazia que aparecia, ouviu dizer que Chico Pipa tinha uma casa para alugar em Ariranha. Ele já havia pintado casas de propriedade de Chico Pipa, o homem era osso duro. O que tinha de dinheiro tinha de sovina. Cidão passou aquela noite sem dormir, virava de um lado para outro na cama. No dia seguinte tinha que entregar a casa. Colocou a família toda na velha Kombi e rumou para Ariranha. Ao passar pelo cemitério local pediu que a mulher e 10 filhos entrassem lá e esperassem. Acompanhado do filho mais velho rumou ao encontro de Chico Pipa. “— Bom dia, Seu Chico! O senhor tem uma casa para alugar?” “— Tenho sim! Quantos filhos o senhor têm?”. Imediatamente Cidão respondeu: “— Esse menino aqui e mais 10 que estão com a mãezinha no cemitério.” Chico Pipa

abriu um sorriso, escreveu uns garranchos em duas folhas de papel dizendo: “— É só assinar o contrato e a casa é sua, o aluguel vence todo dia 10!”.

Deputado Bento Freitas

Conta-se que Coronel Bento era candidato a deputado estadual; próximo das eleições despachou Zé Lambreta para a cidade vizinha de Cipózinho. Dr. Afrânio era o delegado local; naquela noite junto com a força policial que constava de dois soldados e o Cabo Alberto, juntos eles fizeram um rapa em todos os botecos, foi todo mundo para a cadeia para averiguação. Zé Lambreta entre eles, era o mais exaltado, parecia estar tomado por algum espírito zombeteiro, fazia uma algazarra interminável. A delegacia super lotada, ninguém entra e ninguém sai, no auge da confusão Zé Lambreta fala ao Cabo Alberto que vai ligar ao Deputado Dr. Bento de Freitas, o autêntico defensor do povo. Com um discurso inflamado Zé Lambreta convenceu o cabo a ligar ao Deputado Bento. Em menos de meia hora aparece a figura imponente, de terno branco, chapéu na cabeça, o inseparável charuto. Silêncio mortal na delegacia. Usando e abusando da oratória Bento de Freitas elevou todas as qualidades daqueles trabalhadores tirados injustamente do local onde trocavam dois dedos de prosa, para serem tratados como bandidos perigosos.

“— Liberte já esses trabalhadores brasileiros!”, ordenou ao delegado, usando inflamada oratória e deplorou a atitude do delegado, que imóvel ouviu e concordou. Naquela noite Bento Freitas arrecadou quase cinqüenta votos, o delegado manteve seu cargo na localidade e Zé Lambreta, que tinha se infiltrado no meio dos detidos, lavrou mais um ponto com o deputado. Aquilo tudo tinha sido combinado para impressionar os preciosos eleitores. O povo de Ariranha da Serra jura que é verdade.

O benzedor

Pedro Altino tinha um cavalo que só faltava falar, diziam que ele estimava mais o cavalo do que a Dona Lourdes, sua legítima esposa! Tudo do bom e melhor era para o Imperador, esse era o nome do cavalo. Lavava, escovava, deixava o baio nas pontas dos cascos, colocava sua melhor roupa, botas de cano alto, algibeira, chapéu de aba larga, chicote e esporas só para completar o figurino, o arreio com argolas de prata, assim como estribo. Tudo brilhando, dava

gosto de ver! Os gaiatos costumavam dizer que Dom Pedro estava passando a cavalo, tal a empáfia de Pedro Altino. Um dia Imperador adoeceu, Pedro chamou veterinário da cidade vizinha, pediu ao Padre Bento que rezasse, fez promessa, e nada de o Imperador reagir. O desespero o fez procurar Nhô Belo, o benzedor do local, caboclo alto, mulato com sangue indígena, usava um olho de vidro, tinha perdido uma das vistas ainda menino, tinha fama de arrumar o que tinha que ser arrumado e separar o que tinha de ser separado. Era tiro e queda. Tratava até de neurastenia! Pedro Altino, após expor a situação, saiu com algumas cédulas a menos na carteira e a recomendação de realizar alguns procedimentos altamente sigilosos e que durante o processo para a simpatia funcionar ele deveria pensar no nome dos três homens mais avarentos de Ariranha da Serra. Dois dias depois o majestoso Imperador deu seu ultimo suspiro. Furioso, Pedro Altino foi procurar Nhô Belo, afinal aquilo lhe custara um bom dinheiro! Pacientemente com ouvido de oráculo, o caboclo escutou a torrente de impropérios. Pedro disse-lhe que tinha feito a mandinga conforme a recomendação. Questionado sobre os nomes de avarentos que havia pensado durante a realização do ato ele citou os três: Natan, Salim e Bepe. Com toda a placidez o curandeiro disse-lhe: “— Mas isso é dose para elefante, não há cavalo que resista!”. Coisas de Ariranha!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI

Cadeira n° 36 - Patrona: Olívia Bianco

Algumas trovas enaltecendo a convivência harmoniosa entre os homens

Tema: Entendimento

Com o dom do entendimento
o bem do mal eu separo,
evito causar tormento
e do irmão me torno amparo.

Tema: Amizade

Como é doce a amizade,
relação sempre aquecida,
elo de sinceridade
preenche toda uma vida.

Tema: Pão

Fico em estado de graça
se estou bem com o irmão,
compartilho a mesma taça,
também como o mesmo pão.

Tema: Sonho(s)

Dentro de mim nos meus sonhos
vive um cavalo selvagem,
que vence dragões medonhos
só para que não se acabem.

Tema: Família

A família sendo unida
traz segurança, harmonia,
todos bendizem a vida
na luta do dia a dia.

Tema: Sabedoria

Homem com sabedoria
prioriza mais o ser,
vê em tudo harmonia
não releva só o ter.

Festa do Divino. Ano 2000

Festa tão tradicional
lembra aquelas de arraial.
Vem peregrino de longe
como verdadeiro monge
entoando lindo hino
invocando o Divino.
Devotos ficam deitados
em lençóis claros dobrados
na avenida, em oração,
seguida de louvação.
O Divino vai passando,
pomba branca esvoaçando
por entre flores e fitas
vermelhas, brancas, bonitas.
O Pouso tem ritual
de toque espiritual
com a Mãe Aparecida
a todos dando acolhida.
A dona da casa apronta
um jantar de grande monta:
sopa de mandioca quente
picante quentão ardente
arroz, carne de panela.
Com o mastro na janela
há na mesa, uma vela.
Todos comovidos pedem
graças mil e agradecem
as que foram concedidas
no decorrer de suas vidas.
Do Largo dos Pescadores
devotos com seus andores
em devota procissão
acompanham o povão.
Quando as bandeiras se encontram
os barcos no rio se cruzam,
foguetes, rojões estouram.

Todos, alegres sorrindo,
veem bexigas subindo
nos céus piracicabanos
na entrada dos dois mil anos.
Depois da missa campal,
onde se recebe o sal
a fé ilumina os passos
deixa na Terra, bons lastros.

Sempre Educadora

É um quarto de um dos pavilhões do Lar dos Velhinhos. Mais parece um salão, com quatro compartimentos, sem separação de paredes. Cada idoso tem sua cama, igual na forma, mas diferente nos arranjos. Quase todos possuem uma cômoda, onde colocam, na parte de cima, caixas de remédios, garrafa d'água e imagens coloridas de santos. Destaca-se na pertencente à Dona Laura, além desses adereços, um porta-retrato médio, com moldura escura e frisos dourados, onde aparecem dois lindos garotos, exibindo trajes de festa. Pelas roupas da moda dos anos 60, deduzimos serem seus filhos, quando crianças.

Passa o dia inteiro embalando o grande boneco de louça, seu amigo inseparável. É comovedor vê-la abraçada ao belo brinquedo e sorrir para ele. Temos a impressão que balbucia algo, quando o acaricia. Está com mal de Alzheimer e desde que chegou ao Lar, no início do ano, não mais conversa. Sua memória está comprometida. Nem mesmo sua companheira de pavilhão, que pacientemente lhe dá comida na boca, a faz desviar-se dos seus devaneios. Ela só tem olhos para o seu encantador "menino".

Contaram-me que, além de mãe, foi professora. Entendi tudo. Deve ter sido maravilhosa educadora. São pontos de referência: a foto dos dois garotos, o ninar o boneco com tanta ternura.

Naquela tarde, ao sair do Lar dos Velhinhos, vi D. Laura sentada num dos bancos do jardim de entrada. Despedi-me, mas ela não manifestou qualquer reação. Continuava a sorrir para o seu bebê. E, embora soubesse que este sorriso não era para mim, emocionei-me, pois senti nele o grande calor humano, ainda mais, após saber que

foi educadora dedicada e amorosa. Vislumbrei nele o amor eterno pelas crianças.

Uma semana após minha visita ao Lar dos Velhinhos, li no Jornal da cidade a nota de seu falecimento.

Mais alguns dias são passados. Retornando àquela instituição, deparei-me com o boneco de D. Laura, na estante da sala de televisão, onde os velhinhos se reúnem diariamente. Não contive a lágrima silenciosa que rolou pela minha face. Foi meu gesto de reverência e tributo sincero àquela exemplar educadora.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI

Cadeira nº 37 - Patrono: Sebastião Ferraz

O Peregrino

*“Oh! Santa Cruz da estrada,
santa cruz da encruzilhada,
santa cruz desprezada,
santa cruz do meu rincão,
todas as vezes que chego me apareces,
braços abertos como se estivesses
a pedir-me um abraço e eu a dar-te preces
repletas de recordação...”*

São versos de um poeta que perambulou muitas vezes pelos caminhos rurais, ora sob o olhar magnífico do sol, ora sob o negror das trevas da noite sem luar ou espiada do alto pelo plenilúnio, e que em tais andanças descobriu sempre as misteriosas cruzes de estrada, denúncias irretorquíveis de que ali, aos pés do quase sempre tosco símbolo do Sacrifício do Calvário, deve repousar o esqueleto vagabundo de um caminhante estradeiro, do comparsa de algum caso amoroso, de um assaltante de caminhos apanhado pela tocaia do inimigo invisível, de um misterioso personagem vindo de plagas distantes e que, a meio caminho, encontrou a alfangedora da vida que lhe decepou os passos e o destino.

A cruz, decantada pelo poema do vate, erguida humilde na forquilha barrancosa da encruzilhada, era cuidadosamente mantida pela piedade dos sitiantes das imediações, embora nem todos conhecessem o porquê ou os porquês de sua existência, de sua longa existência aliás e a maioria dos moradores adjacentes ou passantes por aqueles caminhos que levavam a destinos incertos e misteriosos como os há sempre nas terras, como aquelas de então, tomadas pela selva virgem e enigmática – olhasse para ela com sentido sombrio e às vezes temeroso. Protegiam-na um teto de telhas e paredes de tijolos – um pequenino templo – com o lenho, aberto em cruz, devidamente fincado em soco de pedra, como um altar. Corujas e urutaus vinham desfiar seu canto fúnebre no silêncio da noite, como

se a alma penada do soterrado viesse do além para amedrontar os aventureiros viandantes das altas horas, que retornavam dos bailes, dos namoros, das rezas, das serenatas, das visitas aos parentes.

— Chico — recomendou a mãe — não volte tarde demais. Você sabe muito bem que depois da meia noite há assombrações, fantasmas, sacis e tudo quanto é alma penada... A santa cruz!!!...

— Não, mãe... Volto logo, logo... E não tenho medo de nada dessas ilusões... O meu corcel aqui é um pedaço de bom...

E acariciava as crinas do fogoso animal. Cavalgou, o coração prematuramente aos pinotes, só de lembrar que o destino seria a casinha branca e acolhedora, toda transpirando felicidade, em cuja janela — mágico olho a espiar as distâncias campestres — o estaria esperando decerto outro coração aos pinotes como o seu. E lépt...lépt... lépt... partiu rumo ao sítio da namorada, um chuchu de menina, no ponto de ser colhido pelo primeiro aventureiro namoriscador.

Passou pelo morro, pela baixada, pela restinga da mata virgem. A paisagem rutilava sob o olhar do sol da tarde encantadora, dessas tardes que a maioria do mundo não conhece, porque as atenções humanas em geral não sabem ver beleza e poesia numa paisagem da roça, não sabem contemplar um sol que se despede devagarinho, como que saudoso de sua viagem luminosa pelo céu. E lépt... lépt...lépt. Passou pela encruzilhada — fatídica no dizer da mãe. A santa cruz que já assistira à glorificação lucífera da tarde, dormia agora sob a mansidão do luar pleno. Estrelas tremelicavam no céu...

E lépt...lépt...lépt... A casa da namorada sorriu-lhe como uma imensa promessa de amor... De sonho!... De felicidade!... O moço da roça quando ama, ama de verdade. Intensamente...

Mas as horas de amor, de sonho, de felicidade, são ligeiras e voam. Oito, nove, dez, onze horas... meia noite! E o Chico esqueceu a encruzilhada, a santa cruz, os fantasmas, as corujas, o urutau... e até a preocupada mãe, ainda em vigília, à espera do namorado. Só via a sua futura metade, só entendia a linguagem do amor. E como gente da roça não leva relógio consigo, mormente nas horas em que se ama, Chico esqueceu do tempo. E como não há bem que sempre dure, chegou o momento de voltar, de reencontrar o lar, de rever a mãe, que ele era, sem dúvida, bom filho.

Abraçou e osculou (namorados roceiros não beijam, osculam) a noiva, triste por ver seu amado partir...

E lépt... lépt...lépt... O corcel comia quilômetros de estrada campestre, ansioso por retornar também ao seu pasto, rolar na grama naquele gesto significativo dos animais que com ele parecem tirar do corpo toda a cansa da viagem. De repente... empinou as orelhas, fungou surdamente, pinoteou e ameaçou deitar fora o cavaleiro. Chico corcoveou sobre a sela, firmou-se nos estribos como pôde, esticou as rédeas e quase vai de ventas para o solo.

— Que é isso, besta...Vamos lá... Bota o casco na estrada... O cavalo não colocou casco nenhum pela estrada afora. Foi quando Chico botou os olhos assustados sobre a santa cruz, a esta altura, como que iluminada qual um salão de festas. Estava na encruzilhada fatídica. Chico arrepiou-se todo, a besta saltou de lado, querendo retornar... Situação crítica para cavalo e cavaleiro... Todas as histórias fantásticas ouvidas até então começaram a desfilar-lhe pela memória. As bolas enormes luminosas que passeavam pelo espaço em noites escuras, o caso da fera que esperava, à boca da mata, os viandantes noturnos, as gargalhadas misteriosas que ecoavam pelo sertão como se um fantasma se divertisse com as horas altas da noite, e luzes distantes que corriam, retornavam, apagavam-se, rebrihavam, nas encostas ou nos vales... A espinha de Chico, sempre corajosa, arrepiava e a fronte suave...

O medo, o susto, a crença, diante da fatalidade crescem, crescem, ficam imensos. Onde há o canto de um pássaro, escuta-se a voz de um fantasma! Onde há o estalo de um galho seco supõe-se o passo da assombração! Onde uma chama de vela tremula dentro da treva julga-se ver o incêndio! Onde a brisa amacia uma fronde ouve-se o assobio do saci!... Imagine-se então, à meia noite, na boca de uma encruzilhada, onde uma santa cruz — santuário de mistérios — de súbito se ilumina com um clarão enigmático, que sensações não poderia causar àquele solitário personagem e a seu cavalo? O pavor, para dizer o mínimo, toma conta da mente humana, transforma-se de corajosa em covarde, muda o valentão em poltrão, faz de um ser humano um trapo perdido dentro da solidão e da surpresa.

Chico esporeou seu fiel comparsa de aventura que não merecia a pua das esporas, mas como fidelidade de cavalo se equipara à fidelidade do cão, o cavalo pôs-se em brios, voltou ao caminho e lépt...lépt...lépt... partiu como um raio, ecoando seu trote pela noite enluarada afora, com o amo que, sem olhar para trás, agarradinho à sela e aos estribos, voou e chegou, arquejante, à casa materna, onde

a velha o aguardava, ansiosa e feliz por revê-lo são e salvo, embora pálido e suarento.

O leitor amigo, decerto está curioso, não pelo desfecho, mas por aquela luz fantástica e inesperada que iluminou a pequenina capela da santa cruz da encruzilhada. E tem razão ele, pois é próprio da curiosidade saber por que, repentina e estranhamente, surge um clarão a iluminar de vida aquela relíquia simbólica das estradas rurais, como se fora a alma dos mortos aí sepultados, a brotar em luz do chão socado e cheirando à terra, rumando para o céu. Suponha-se você, leitor, numa encruzilhada da roça, sozinho como um ermitão, com a fantasia avolumada pela solidão noturna e o vago iluminar da lua cheia, transformado em testemunha súbito de uma luz enigmática que deixa sair seus raios misteriosos de dentro de uma santa cruz onde foram soterrados caminhantes desconhecidos, peregrinos caminheiros do mundo, pedintes, anciãos, quiçá assassinos e ladrões!!! Ah! É dose cavalgar de pavor!

Entretanto, nada mais do que a tênue chamazinha de uma vela, acesa pelo peregrino que escolheu a “santa cruz da estrada, a santa cruz da encruzilhada”, como recitou o poeta, para seu repouso noturno. O viajor, porém, findou aí seu destino e a luzinha, como uma bênção de Deus e que tanto apavorou o Chico namorador, serviu para iluminar-lhe o sono eterno. A santa cruz se fez altar para esse ritual fantástico, porque quem peregrinou a vida toda pelos caminhos desertos e poeirentos, tinha direito a findar seus dias junto a uma cruz de estrada.

O viajante noturno, todavia, que não compreende a graça e a glória da peregrinação pelo mundo, avançando caminhos, repousando e morrendo debaixo dos braços de uma cruz, sob as trevas, sob o luar, sob o frio, os ventos, as chuvas, assusta-se, atemoriza-se, foge espavorido quando uma simples vela tremula ao lado dela para acompanhar a agonia do peregrino que tem nela amiga e companheira na vida e na morte.

O peregrino é a alma dos caminhos ermos e caracoleantes. Seu lar são as cruces que as estradas colecionam e lhe oferecem para um repouso de uma viagem que não termina nunca, porque a morte também é peregrina e não tem morada certa, caminha pelo mundo como todos os peregrinos e viajores sem destino. É a santa cruz da estrada que o poeta cantou, nada mais seria do que a homenagem aos peregrinos que não se assustam com as histórias, às vezes horripilantes, que enfeitam sua vida errante, seu peregrinar sem termos.

O Gólgota da dor

Capítulo final da uma vida divina,
coroando a sentença ignóbil e assassina
da autoridade atroz do déspota romano,
se ergue no calvo monte a Cruz qual sumo arcano,
e nela o Mártir-Deus arqueja exangue e triste
a cuja morte a plebe espavorida assiste,
impotente a chorar do Inocente a desdita,
as lágrimas unindo às da Mulher Bendita,
a Santíssima Mãe da Vítima que finda
— soluços divinais que hoje se ouvem ainda —
como um eco que o tempo, oh! nunca apagará
pois chorar por um Deus, o que isso expressará?

O Gólgota! No cume a soberana Cruz
emite a mais intensa e redentora luz,
luz da Fé, da Esperança, luz do Amor
que emana da figura excelsa do Senhor!
Um símbolo de dor que a humanidade esquece
de ver e reviver na glória de uma prece!
O Gólgota! É o Tabor que perdoa e ilumina,
que salva o pecador, que o convida e reanima:
é aqui sobre este monte onde Jesus findou
que a graça se fez sangue e ao mundo borrifou!

Ainda hoje há no mundo os Calvários tristonhos
Onde se crucifica a beleza dos Sonhos,
onde se crucifica a Esperança da Paz,
que entre escombros fatais doridamente jaz;
onde se crucifica a Inocência infantil
e se mata o porvir na bala de um fuzil!
Há Gólgotas ainda onde se crucifica
a Virtude que é Amor que salva e santifica.
E Gólgotas, eu vejo, onde se perde a vida
sob o fogo infernal que destrói e trucidada
e a farrapos reduz a pobre humanidade!
E outros Gólgotas há que matam a Verdade!

Meu Deus! Que mundo é este e para onde caminha?
Parece que o final dos tempos se avizinha,
num Gólgota de dor insano e tenebroso
onde se ergue uma cruz de trevas e maldade
para crucificar de novo em seu madeiro
a beleza, o perdão, a graça, a divindade,
como o fez com Jesus, Deus e Homem Verdadeiro!

Despedida

(Premiada em 2º lugar em concurso da Itália)

Quando entardece a vida e um sol pobre e enfermiço
diz adeuses ao sonho e aos encantos do amor,
eu me ponho a chorar (chorar por causa disso?)
porque as sombras já vêm, põe-se em fuga o calor.

Onde está tudo quanto, envolvido em feitiço,
foi um tesouro imenso espargindo luzor?
O passado interrogo e as saudades atijo,
tudo em vão...tudo em vão...Vem da noite o pavor!

Tarde minha que vens, frigidamente triste,
és, suponho, e talvez, gesto de despedida,
um anseio final que ainda em mim persiste.

Eu sei que levas junto, inteira, a minha vida,
és dolorido adeus a que ninguém resiste,
és despedida, sim... Então, adeus, querida!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA EMILIA LEITÃO
MEDEIROS REDI (*IN MEMORIAM*)

Cadeira nº 38 - Patrono: Elias de Melo Ayres

Criança! Minha Criança!

Criança! Minha Criança!
Perdida luz das estrelas
A vaguear esquecida
Pelas esquinas da vida,
Em cantos da solidão ...
Criança! Minha Criança!
Que vento arrastou seus passos
Por caminhos descuidados
Entre os adeuses do plátano
Espalhados pelos chãos??
Criança! Minha Criança!
Venha! Já clareou o dia.
Os fantasmas já se foram ...
E os sonhos alucinados
Floresceram primaveras
– Como “presente” da Vida!!

Trova - Equilíbrio

Equilíbrio nas ações,
palavras e pensamentos,
enlaçam os corações
nos mais puros sentimentos!!

Confinamento...

Deitou-se na beira da estrada
Despida de fantasias...
Olhar perdido no nada
Esperando a tal da Alegria...
Passou assim um dia inteiro
E outros mais, sucessivamente.
Nada podia movê-la de seu intento!
Deixou-se ficar ao relento, sem roteiro...
Caída à margem do canteiro...
Indolente... como coisa descartada
Pelo próprio Jardineiro!
Não germinou ... nem desabrochou.
Não coloriu, nem perfumou!
Só ficou num estado... SEMENTE!!

Viagem interior

Suavemente
A mente
Se faz ausente...
E ... de repente
Sente
Silenciosamente
O encanto
Do canto
Do **SER!!**

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 - Patrono: Luiz de Queiroz

A caminho do mar...

Não importa a chuva, o movimento exagerado das ruas, o frio estampado nos rostos descobertos e frios, nem nos passos fugitivos pulando poças nas calçadas querendo se refugiar do lado de lá... Importa encontrar o mar...

Não importa se o sol foi escurecendo mais cedo, num dia que poderia ter sido todo dourado, quente e brilhante, nem se a noite chegando antes da hora resolveu se apoderar do dia, ou se a lua saiu a procurar aquela sua face de dias anteriores, quando mais plena e bela se mostrava envaidecida lá no alto, soberana, na certeza de que ninguém poderia tocá-la, a não ser o ar teimoso que resolveu levar alguma nuvem marota e brincalhona a fazer reviravoltas ao seu redor disfarçando sua estonteante e exuberante presença... Importa encontrar o mar...

Não importa o vento desmanchando os cabelos das pessoas, nem o tremor que arrepia o corpo da garota desnuda que saiu para a praia sem imaginar a virada do tempo que começou muito faceiro, não contando de jeito nenhum, do jeito que iria se transformar depois... Importa encontrar o mar...

Nada importa. Nem o trânsito impiedoso que nega e dificulta a passagem de motoristas ou de gente afobada e aturdida, que precisa retornar à casa após um dia de trabalho exaustivo, e tantas vezes decepcionante, pois afinal de contas a vida lhe dá a certeza, cada vez mais, de que nada é fácil sem grandes esforços ou com dedicação intermitente...

Importa o mar, o caminho que leva ao mar, nas ondas que batem na praia e invadem a areia voltando sempre obedientes, na ordem gigantesca da natureza impiedosa que comanda como quer o seu rumo e o seu curso, sem perdoar a contagem dos minutos ou das horas, nem por quanto tempo ainda terão que fazer tantas viagens de idas e de voltas... Chegadas e retornos contínuos e incessantes, de milhões de anos já passados e impostos por Deus? Quem sabe?

Importa o mar... Importa encontrar o caminho que leva ao mar, e, ao chegar, olhar, olhar até encontrar a interrogação do horizonte infinito que, imensurável, jamais contou a alguém onde vai chegar, nem quando alcançará o seu destino...

Importam neste momento o mistério e o fascínio que o mar provoca deslumbrando todo aquele que gostaria de entender, na sua enormidade, tanta magnificência e extensão de estonteante realidade.

Importa, sim, encontrar o caminho que leva ao mar, e importa saber da vida que vem do mar, no cheiro da água salgada e da maresia que caminham ao encontro do desconhecido até se distrair num barco pescador que madruga em busca do pão de cada dia, ou em algum surfista arrojado e destemido cujo desafio nas ondas mais altas provoca a vida que despenca, num mergulho de verde azulado ou azul esverdeado...

Mais do que tudo neste tempo é importante caminhar ao encontro do mar assim, de alma e coração abertos, de mãos dadas com a existência pura e plena, na calma e certeza de quem chegou a um porto seguro, real e benfazejo.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA
STEFANI**

Cadeira nº 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Latas de lixo

Se eu tivesse coragem, sem querer me promover, gostaria de contar aos meus amigos que fotografo há 26 anos “Latas de Lixo” em viagens nacionais e internacionais. Durante esse período, produzi mais de 600 fotos clicadas em aproximadamente 45 países, ricos e pobres, como Itália, Alemanha, México, Brasil, Índia, Nepal, Estados Unidos, Peru, Eslovênia, com objetivo inicial de registrar algumas diferenças culturais ao tratamento dado ao lixo urbano em países mais desenvolvidos ou não. Como fotógrafa acabei ao longo destes anos por promover as primeiras exposições deste tema, desenvolvendo um trabalho de conscientização. Assim, criei uma apresentação em “Power Point”, na qual sintetizei a minha obra exibindo mais de 100 fotos e pequenos textos educacionais, com dados históricos e curiosidades sobre o tema, com trilha musical. Com uma linguagem poética consegui transmitir meu trabalho de conscientização ambiental, detendo a atenção das pessoas e sensibilizando-as através da beleza das imagens e da riqueza de significados que elas proporcionam, levando os espectadores à reflexão sobre a questão do “LIXO” e seus valores, em todo o mundo.

Gostaria de contar que já fui entrevistada pelos principais canais de televisão abertos brasileiros (leia-se Rede Globo, SBT e Bandeirantes), e por canais de assinatura como Terra Viva. Em 2005 fiz palestras na Reitoria da Universidade de São Paulo (USP), na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), no CENA (Centro de Energia Nuclear na Agricultura), no Departamento de Engenharia Elétrica de São Carlos, no Colégio C.L.Q. de Piracicaba, na Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), no bairro Bosque dos Lenheiros e na ACIPI, entre outros.

Como fotógrafa apresentei este meu trabalho só em 2005, para mais de 5000 pessoas de todos os níveis sociais, culturais e faixas etárias. Já a primeira exposição foi feita em 1992 com repercussão nacional e publicada em 1991 pela revista IRIS Foto, pra-

ticamente a única da época especializada em mostrar ao Brasil o que acontecia na fotografia. Graças a Deus sempre meu trabalho foi muito elogiado e aplaudido, pela sua alta conscientização, e pela necessidade e originalidade do tema. Contudo meu objetivo maior sempre foi e será pela riqueza das imagens atingir um resultado surpreendente e multiplicador. Daí, precisar ser conhecida por esse público encantador que elegeu a Academia Piracicabana de Letras como um condutor de ensinamentos, e progresso de um povo digno como o nosso, que merece receber informações que o dignifiquem cada dia mais.

Ah! Se eu tivesse coragem de mandar essa matéria....

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

Historia de um viralata (“Hippie”)

Ele devia ter no sangue algumas manchinhas atávicas de ilustres ancestrais que lhe transmitiram gosto apurado e antipatias marcantes. Pequeno e sem nome, de pelos compridos e barbicha, esse viralata espantado gostava de, aos domingos, depois dos passeios costumeiros, encaminhar-se para a Igrejinha da Cruz Torta, nos altos de Pinheiros, onde padre Norberto rezava a Missa do meio dia. Quantas crianças! Bem na frente, ao lado do padre, as meninas de roupas curtas e coloridas, meias compridas e cabelos cobrindo as costas ou levantados num rabinho petulante, recitavam as orações, mais comportadas do que os meninos. Estes se equilibravam num pé e no outro, cutucavam-se entre risinhos e provocações, transformados de pressa em contrições, quando o olhar do padre dardejava sobre eles.

O viralata branco e preto embarafustava pela porta estreita, sob a desaprovação dos adultos sérios que se desviavam, comprimindo-se, para evitar-lhe o contacto. Lá ficava ele, bem à frente do altar, acompanhando os movimentos do celebrante com meneios graciosos da cabeça. Depois virava-se para as crianças, sua legítima preferência. Latia baixinho, achegando-se de quem lhe premiava a cortesia. Quando não alcançava seu intento cabriolava com o rabo. Isto era completo! Os pequenos se torciam de risos; alguns até o agradavam.

Lá, enfeitiçou-se: uma garotinha magra e serelepe, de expressão inteligente e covinhas no canto da boca, dispensou-lhe mais agrados. Acompanhou-a à saída. Ela olhava para trás, fazendo-lhe sinais, às escondidas da mãe. Quando chegaram à casa, foi uma festa! Ganhou carne, bolachas, até uma barra de chocolate! Brincaram de esconde-esconde pelos jardins da mansão, e que felicidade! Ninguém o acossou com berros e pontapés. Resolveu mudar de vida e fixar-se. Adeus à boemia! Seria o protetor de Cristina e seu companheiro nos folguedos. Precisava respeitar os adultos que não o admitiam dentro de casa. Civilizou-se em parte; limpo, bem tratado e vacinado, com pouso certo, não prescindia, contudo, das missas domingueiras e dos passeios habituais para as reações e os encontros com os colegas. Era um corisco

nas avenidas e que habilidade para desviar-se dos carros!

Com o nome de Hippie adquiriu respeitabilidade e protegia sua dona com dedicação exclusivista: ai de quem ousasse pôr o pé para dentro do portão! Era feliz. Cristina representava o sol, o alimento, o aconchego e a alegria, muito mais do que sua humilde condição podia aspirar! Carinhos, guloseimas, risadas e cambalhotas no gramado verdinho, sobressaltos e correrias para os calçados implicantes.

Um dia, não conseguiu escapar do laço, atirado por homens brutais. Entretinha-se, distraído com o nascer do sol, quando tudo acorda devagarzinho, brando e bonito. Esperava Cristina... Ela aparecia lá em cima, na sacada, chamando-o e desejando-lhe um bom dia...

Jogaram-no dentro do caminhão, no meio de outros companheiros e rodaram dentro da cidade, parando de quando em quando para recolher mais um colega de infortúnio.

Ao chegar, apartaram-nos em celas estreitas, para morrer na câmara de gás ou sair, se um amigo viesse retirá-los no prazo de três dias.

Hippie esperava... Na confusão e no desespero restava a confiança em sua amiguinha. Alguém lhe diria que o vira partir para a morte. As horas escoavam lentas. Os uivos e ganidos ensurdeciam; alguns, desanimados, estendiam-se sem reação. A maioria pelejava e o barulho aumentava a cada pessoa vinda para o reconhecimento e a libertação de um felizardo.

Hippie, pertinho da grade para facilitar a identificação, estava alerta aos ruídos de fora. As horas se arrastavam impiedosas, e a esperança diminuía... Encompridava os olhos para fora, muito triste. Não enxergava nenhuma nesga do céu. Terceiro dia de suplício sem lamento. Sofria em silêncio, conformado com seu destino. À tarde, o motorista da casa parou alguns instantes diante da cela, conversando com o guarda. Não o reconheceu. Não era à toa sua aversão pelos calçados!

No dia seguinte, na madrugada fria e cinzenta, igual, sempre igual a tantas outras, Hippie, molhadinho e gelado, foi posto num local escuro e baixo, ao lado de outros companheiros, tiritantes e angustiados. Acomodou-se, esticando as patas, entorpecendo-se com o gás... Era o fim...

... Não! Ouvira uma vozinha, melodiosa e pura como um sopro de ar puro! Cristina o chamava! Viu-se deslizando com ela pelos jardins, acompanhando-a nos passeios, de peito estufado! Sentiu o aconchego de seus bracinhos, quando se enrodilhava para um soninho que o menor ruído despertava num salto assustado, seguido de latidos agudos e furiosos. Ela cascadeava um riso, puxando-lhe as orelhas...

— Hippie!..... Tentou levantar-se para atendê-la e fazer para ela uma última cabriola... Mas o mundo, ah! os homens!...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

**Crônica da Não Desesperança
Ou
O Raiar de Aquárius**

“zizaniae concórdia fit perfectum”

Há um dia em que subitamente despertamos com certa lucidez, como se fosse depois de uma longa e contínua embriaguez que se prolongou por anos e anos a fio, como se fosse de um longo e ininterrupto pesadelo quase sem fim, ou longa caminhada onde éramos impelidos a andar continuamente, sem o mínimo descanso. Talvez quiçá fossem estas, formas do homem estar temporalmente atrelado à ignorância, ao envolvimento pelos longos braços em um contínuo amplexo do próprio fio do destino...

Acordamos estranhamente sóbrios, e espantados olhamos à nossa volta, observando novas realidades, fatos que antes atravessávamos em total nulidade, e agora conseguimos tomar consciência, boquiabertos, vivenciar verdades que antes ignorávamos, fossem por mero prazer, por um egoísmo asceta ou processo de fuga à realidade, por simples comodismo deixando as verdades inalienáveis desprezadas e ignoradas em alguma aresta perdida e imersa em penumbra, para não dizer, o próprio negrume do prolongado ocaso da era pisciana.

A este mecanismo de fuga poderíamos associar uma vida envolta em trabalhos, na fútil e contínua sensação de imortalidade do âmago pessoal (“todos morrem, menos eu”), que o amanhã nunca nos negará a possibilidade de aflorar uma brecha milagrosa...

Também poderíamos utilizar como justificativa o eterno buscar do impossível, senão o total desprendimento para obras atinentes a si mesma. Mas, sem dúvidas, o objetivo inalienável, quiçá fútil por um lado ou mesmo beirando as raias do inacessível por outro, constituem-se em mecanismos de mera desculpa para eclipsar a realidade total, oculta que se torna, e inatingível frente à mesquinhez

humana. Podem eles também serem manifestações de objetivos inconscientes ou maquinações para eventuais fins escusos.

Eis que um dia, como num descorticar dos bulbos aliáceos, arredada todas suas camadas, ao atingirmos ao seu núcleo, vemos relampejar a total consciência desta nova realidade interior, que subitamente se torna pulsante e vívida, que deverá ser erguida e cultuada, e nos conscientizamos que por toda uma vida, bem ou mal erigida, realmente sua negação nada mais foi que uma vil desculpa para justificarmos uma existência onde, se fatos vitoriosos foram realizados, estes eventuais sucessos foram atingidos não por um real "modus moventi", mas sim fundamentado em mera desculpa ou falsidade existencial. Realmente, tudo não passou de doces sonhos de verão ou, melhor dizendo, castelos de areia edificadas sob a borrasca...

É chegado então o momento, dentro das realizações pessoais executadas, de se avaliar o que realmente possui endosso de uma objetividade consciente maior, com o afã de se edificar sedimentado em um leito sólido e curso construtivo, racional e lógico para o todo; e de outro lado, e o que foi levantado sobre as oportunidades ofertadas que pudessem ter caráter demeritório.

É neste ponto que realmente tomamos ciência de até onde caminhamos dentro dos objetivos, entre outros, dos enraizados pela fé, verdade, pela fraternidade, justiça e legalidade, sempre com o intuito de erigir algo que tenda a ser imperecível, que seja benfazejo para o homem (para não dizer todos os seres viventes), ou qualquer outro valor evolutivo superior.

Se de um lado esta necessidade de se ofertar aos menos favorecidos constituiria uma necessidade inalienável, de outro lado, a importância deste fato não vir a ser caracterizado como sendo manifestação de tendências ideológicas é conceito fundamental para poder manter integridade e objetividade das metas.

Se algumas vezes alguns ousaram chegar a agatanhar este ponto pensando em utilizá-los como trampolim para algo que ambicionavam, seguramente virão a ser vilmente desmascarados, pois na mendacidade que ocultavam seus reais e escusos propósitos, nunca poderiam vir a eclipsar o altruísmo abnegado que é necessário fluir do interior para se atingir estes objetivos.

Em rápido vislumbre sobre a existência humana, passaram e irão passar os mais diversos tipos de burlas, das mais requintadas até as mais grosseiras ações visando ao usufruto pessoal ou grupal. Serão sempre expostas. Não posso deixar de esquecer a célebre frase dizendo que *“pode-se enganar alguns por todo o tempo, enganar muitos por algum tempo, mas não se pode enganar todos por todo o tempo.”* (Lincoln, em 1864)

Sobre eventuais desvios passageiros, temos de tentar observar se estes atos não seriam meras aprendizagens existenciais (desde que não contínuos e prolongados) que todo o ser racional pode ser submetido, desde que sejam eles reconhecidos e corrigidos, e que foge das considerações anteriores.

Quando o ser humano atingir o ponto entre miríade de normas, onde possa se doar, dividir os frutos acumulados de toda sua sapiência de forma altruísta e global, e em contrapartida haja quem esteja disposto a absorver estes fatos, sem haver nenhum fim escuso que sorrateiramente se manifeste; que fale a mesma língua, que tenha os mesmos objetivos e metas, quando souber praticar a tolerância, quando abnegar a toda e qualquer violência, quando beijar a este ponto às raias da utopia, então saberemos que realmente chegou a era de Aquários.

Notas conceituais:

A Era de Aquarius, que se iniciará por volta do século XXII e seguindo-se à presente Era de Pisces, é um período de tempo na astrologia. Essa era ocorrerá quando o Sol, no dia do equinócio da primavera, nascer à frente da Constelação de Aquário, sendo que atualmente o Sol nasce na Constelação de Peixes. A cada 2160 anos o Sol, no dia do equinócio da primavera, nasce à frente de uma constelação diferente. Alguns consideram que este tempo é variável de uma para outra constelação, visto possuem diferentes tamanhos.

Alguns responsabilizam a influência de Aquários (orbe de influência) ao desenvolvimento acelerado ocorrido no século XX (tanto na área individual, social, científica e tecnológica).

Existe por alguns, certa intuição que Aquários será uma era de fraternidade universal baseada na razão.

A visão cristã ortodoxa vê a nova era como a do domínio do anticristo, onde a Terra estaria fora de uma influência cristã (Era de Pisces), e por isso seria uma era de enganos onde o mal seria encarnado e dominaria por certo tempo.

A visão cristã esotérica acredita que Aquárius proporcionará à maioria dos seres humanos a descoberta, a verdadeira vivência e o real conhecimento dos ensinamentos Cristãos mais profundos e interiores.

Outros consideram estas épocas despidas de qualquer valor, visto estarem embasadas em ensinamentos astrológicos, sem valor científico nenhum. Mas não poderíamos deixar de citá-los, visto seu aspecto histórico.

Outras vertentes:

Segundo a teoria original de Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945), os estádios evolucionais seriam a geosfera (referência à matéria inanimada), a biosfera (surgimento da vida biológica) e por fim a noosfera (onde a cognição humana cria novos recursos que impelem a humanidade para novos rumos). Segundo ele, a noosfera surgiria no ponto em que a humanidade, através do domínio dos processos nucleares, começasse a gerar recursos através da transmutação dos elementos.

Já Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) cita os estágios evolutivos do universo (cosmogênese, biogênese, antropogênese, noogênese e cristogênese) e por final o ponto ômega, na qual a história (e o próprio homem, arrastado por estes ciclos) acabam por desembocar na eternidade.

A conceituação do ponto ômega seria o tempo quando ocorreria uma total e completa evolução humana, com todos os aspectos sociais, culturais e científicos plenamente desenvolvidos, e ainda conjugados a um estado de raciocínio, consciência e inteligência coletiva plenas, onde não haveria o mal, e todas elas em plena comunhão com o próprio Criador.

Para outros, seria ele meramente um fator utópico.

Se realmente existe este ponto, como coadunar a sua presença

com o futuro do homem? Sofrerá ele uma transfiguração ou transmutação para poder tornar-se transcendental? Como coadunar as consequências do ponto ômega com a ciência e o universo? E com Deus?

Todas estas respostas situam-se no limite do imponderável, mas filosoficamente e teologicamente não devem ser considerados como fatos secundários, porque o pensamento puro não deixa de ser uma alavanca para o futuro.

Como encerramento destas divagações filosóficas, teríamos até a ousadia de aventar se realmente a Era de Aquários não seria o próprio início da noosfera, o trampolim para o ponto ômega?

Nota do Autor:

Estas divagações filosóficas e teosóficas são abordadas com o objetivo de exercício à reflexão da evolução da humanidade.

Também têm como meta incentivar a lembrança do nome de grandes pensadores, filósofos e teólogos.

Seguramente, a rememoração de alguns termos aqui utilizados bem como destes cientistas, poderá servir para meditação, bem como estimular a revisão pessoal do assunto, e o recordar de muitos outros mestres desta linha de pensamento.

Glossário:

Imponderável: que ou aquilo que não pode ser calculado, nem previsto, mas cujo efeito pode ser determinante.

Transfiguração: ato ou efeito de transfigurar(-se); transformação, metamorfose, alteração da figura, das feições, da forma.

Transmutação: ato ou efeito de transmutar(-se); transmutação, transmudamento, formação de uma nova espécie através do acúmulo progressivo de mutações na espécie original.

Transcendental: (no sentido de transcendente) que está acima das idéias e conhecimentos ordinários, na metafísica, esp. a neoplatônica e a escolástica, diz-se do ser ou princípio divino que, em sua perfeição e poder absolutos, está situado além da realidade sensível.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA
CURIACOS DE ALMEIDA LEME**

Cadeira nº 7 - Patrono: Helly de Campos Melges

Homenagens póstumas

Mais quatro acadêmicos foram encontrar-se com Professor João Chiariani e com seus respectivos patronos no céu.

Estou imaginando Maria Cecília Bonachela e Adriano Nogueira recepcionando-os.

Reverendo Erasmo Prestes da Fonseca grande evangelizador, encontrando com Professor Helly de Campos Melges. E a tantos outros que fizeram da palavra, falada e escrita publicada ou não, seu sonho na terra.

Professor Hugo Pedro Carradore, folclorista escritor num encontro singular com João Chiariani.

Professor Doutor Antônio Henrique de Carvalho Cocenza a quem a APL deve muito, e a nós resta a saudade. Grande conhecedor da língua portuguesa e do latim.

“Pioso”, irreverente, e amigo. Advogado, farmacêutico, escritor e professor.

Prof^a Maria Emília Medeiros Redi – ótima amiga, grande escritora e especialmente poetisa, porque ser poetisa vai muito além de escrever poemas, ser poetisa é ter coração que pulse no ritmo da poesia, que ame um amor infinito, ser poetisa é ser arquiteta do amor, da vida e da paz, é ser semeadora de estrelas e de esperanças, é ser mestra da alegria, da acolhida, da gratidão, ser poetisa é ser maestrina da delicadeza, da sensibilidade e da beleza, é ser doutora da cidadania e dos bons valores .

MEL, para nós, você é tudo isto.

Estou agora imaginando... a Prof^a Maria Emília Medeiros Redi num feliz encontro com a poetisa Prof^a Maria Cecília Bonachela, ambas conversando com Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, no Dia das Mães.

Pelo muito que vocês fizeram pela APL, nossas Homenagens Póstumas.

Os Sonhos do Administrador e o Administrador dos Sonhos

Conheço muitos bons administradores que têm sonhos e lutam para realizá-los. Sonhos às vezes lindos, altruístas, interessantes, cobertos de valores permanentes como: honestidade, caráter, respeito, amor e fidelidade. Mas, conheço poucos que são administradores de sonhos coletivos, de sonhos que muitos administram, de sonhos de comunidades pequenas, médias e grandes”.

O administrador de sonhos é bem diferente daquele que trabalha os próprios sonhos.

O administrador de sonhos promove os sonhos coletivos, sabe que o processo é tão importante ou até mais importante que o produto.

Ele respeita todos os sonhadores, cuida dos sonhos, otimizando-os para todos.

Conheço pouquíssimos administradores de sonhos coletivos, eles compartilham tudo, até o poder, a vida e os próprios sonhos, eles são brisas suave, constantes promotoras da vida e não vendavais devastadores.

Conheço até administradores públicos que são administradores de sonhos e por isso são muito mais amados do que temidos provocando uma profunda inveja aos que pensam administração autoritária, sem diálogo, sem humanidade e sem vida e que jamais conhecem a vida e o sonho dos outros, nunca dialogaram, cobram de todos o que eles próprios consideram essencial.

Se você é um (a) administrador (a) de sonhos, receba meu afetuoso abraço, eu o (a) cumprimento por esse maravilhoso jogo da vida e lhe peço, continue, só perde quem abandona, quem desanima. Não vale desanimar.”

João jornalista

João Jornaleiro, desapontado,
Oh, quão ligeiro...
Fora roubado.
Jornais no chão,
(pega ladrão!)
Tudo em vão,
Desilusão...
Sua “magrela”,
Quanto lhe custara!
Toda químera!
Como a lustrara!
João Jornaleiro
Olha para os pés,
Que correm chão.
Tudo outra vez!
Ladrão matreiro
Ah! Se soubesses
Para o jornalista
Que mal fizeste...
João Jornaleiro
Corre descalço,
Mas prazenteiro...
Jornal na mão,
Bicicleta na mente
Dor no coração
Mas se mostra sorridente.
Como exímio (artista)
Trabalhava sem dar na vista
Engole o pranto,
Pensa na “magrela”.
E para tê-la,
Trabalha com firmeza.
Esta é a maior proeza!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira n° 11 - Patrono: Benedicto de Andrade

Santa Apolônia

Em 9 de fevereiro de 248, em Alexandria, era celebrado com festas o aniversário do Império Romano que se caracterizava por penas rígidas, as quais coíbiam a doutrina pregada pelos seguidores de Jesus. Esta preocupação evoluía entre os imperadores romanos, pois os cristãos se recusavam a cultuar estes próprios imperadores e a carregar armas. O novo imperador, Décio, que derrotara Filipe, promoveu a sétima perseguição no ano de 249, com penas severas e cruéis que só acabaram no ano de 251. Sua preocupação não era fazer mártires, mas acabar com os cristãos através de torturas.

Segundo a tradição, os pais de Apolônia não tinham descendentes apesar de suas constantes orações aos seus deuses. Finalmente, a futura mãe pediu à Virgem Santíssima que intercedesse por eles. Quando a jovem Apolônia conheceu as circunstâncias de seu nascimento, tornou-se cristã.

Jovem e bela, filha de um rico magistrado, Apolônia pertencia à Igreja de Alexandria do Egito e foi uma das pessoas que mais lutou pela causa cristã, sendo então perseguida e acusada de traição.

Foi-lhe então imposta uma pena: em público teria todos os seus dentes partidos com pedras afiadas e em seguida seria queimada viva na fogueira. Assim o foi. Porém, nos poucos minutos que lhe foram dados para refletir (se blasfemasse contra os princípios cristãos poderia ser perdoada), ela aproveitou a falta de atenção dos seus torturadores e atirou-se à fogueira, morrendo queimada. Este gesto foi considerado uma atitude de heroísmo. Durante seu suplício, Apolônia pediu a Deus que todos os que viessem a sofrer dor de dentes, ao clamar pelo seu nome – Apolônia – tivessem a dor aliviada. Nesse momento, uma voz ressoou dos céus: “Apolônia, filha de Nosso Senhor Jesus Cristo, tu obterás de Deus a concessão de teu pedido.”

Dizem que depois do seu suplício, seus dentes foram recolhidos como santas relíquias por inúmeras igrejas e santuários nos

quais são venerados. No Monastério de Santa Apolônia, em Florença; na Pieve de Castagneto, em Bologna; em Roma, e no sul da França há um santuário onde todos os anos, em 9 de fevereiro, muitos dentistas fazem peregrinação celebrando o evento.

Santa Apolônia foi canonizada no ano 300 e a Igreja marcou o dia de sua morte, 9 de fevereiro, para celebração de sua festa.

Inicialmente considerada a patrona dos pacientes com dores de dentes, Santa Apolônia tornou-se, mais tarde, a Padroeira Universal dos Cirurgiões Dentistas, sendo seu culto mais conhecido na França e na Itália.

Foi a partir do século III que o Cristianismo, em plena expansão, intensificou a veneração aos santos, geralmente mártires e pessoas muito crentes na fé cristã. Foram escolhidos como padroeiros preferencialmente indivíduos que exerceram a mesma profissão, como São Lucas, São Cosme e São Damião para a Medicina e Cirurgia. Naquela época não existia a Odontologia como profissão autônoma e liberal, e, portanto, nenhum padroeiro específico. Recorreu-se a Santa Apolônia pelos seus sofrimentos bucais.

No Rio de Janeiro, devotos da Santa, liderados pelo prof. Dilson Ávila Tomé, criaram em 1966 uma entidade de nome "Sodalício Santa Apolônia", sociedade de caráter religioso-filantrópico dos odontólogos. Alguns profissionais de nossa região e, em especial, professores de nossa Faculdade, já receberam a Medalha deste Sodalício em sessões realizadas em Piracicaba.

No município de São José do Rio Preto, interior do Estado de São Paulo, o distrito de Engenheiro Schmidt tem Santa Apolônia como Padroeira. Não temos informação de que qualquer outra localidade em terras brasileiras a tenha escolhido.

A Associação Brasileira de Odontologia – Secção Rio de Janeiro, anualmente comemora o Dia de Santa Apolônia; no corrente ano foi celebrada a missa em sua sede, conforme informações do Dr. Thales Ribeiro de Magalhães, Diretor do Museu "Salles Cunha" vinculado à citada entidade.

O acadêmico Armando Alexandre dos Santos, nosso confrade, está preparando um livreto sobre Santa Apolônia, cuja publicação aguardamos para breve.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
 Vice-Presidente – Armando Alexandre dos Santos
 Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme
 Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme
 Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano
 Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto
 Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Perecin
 Conselho Fiscal – † Antonio Henrique Carvalho Cocenza
 Elias Salum
 Cezário de Campos Ferrari

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder - Cadeira nº 13 - Patrono: Dario Brasil
 André Bueno Oliveira - Cadeira nº 14 - Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs
 Antonio Carlos Fusatto - Cadeira nº 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda
 Antonio Carlos Neder - Cadeira nº 15 - Patrono: Archimedes Dutra
 † Antonio Henrique Carvalho Cocenza - Cadeira nº 4 - Patrono: Haldu-
 mont Nobre Ferraz
 Aracy Duarte Ferrari - Cadeira nº 16 - Patrono: José Mathias Bragion
 Armando Alexandre dos Santos - Cadeira nº 10 - Patrono: Brasília Machado
 Carla Ceres Oliveira Capeleti - Cadeira nº 17 - Patrona: Virginia Prata Grigolin
 Carlos Morais Júnior - Cadeira nº 18 - Patrona: Madalena Salatti de Almeida
 Carmem Maria da Silva Fernandez Pilotto - Cadeira nº 19 - Patrono: Ubi-
 rajara Malagueta Lara
 Cássio Camilo Almeida de Negri - Cadeira nº 20 - Patrono: Benedito Evan-
 gelista da Costa
 Cezário de Campos Ferrari - Cadeira nº 12 - Patrono: Ricardo Ferraz do
 Amaral
 Elda Nympha Cobra Silveira - Cadeira nº 21 - Patrono: José Ferraz de Al-
 meida Junior
 Elias Jorge - Cadeira nº 22 - Patrono: Erotides de Campos
 Elias Salum - Cadeira nº 5 - Patrono: Leandro Guerrini
 Evaldo Vicente - Cadeira nº 23 - Patrono: Leo Vaz
 Felisbino de Almeida Leme - Cadeira nº 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto
 Francisco de Assis Ferraz de Mello - Cadeira nº 26 - Patrono: Nelson Cam-
 ponês do Brasil

- Geraldo Victorino de França - Cadeira nº 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto - Cadeira nº 28 - Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim - Cadeira nº 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos - Cadeira nº 30 - Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho - Cadeira nº 31 - Patrono: Victório Ângelo Cobra
- † Hugo Pedro Carradore - Cadeira nº 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Ivana Maria França de Negri - Cadeira nº 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.) - Cadeira nº 1 - Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde - Cadeira nº 34 - Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif - Cadeira nº 35 - Patrono: Prudente José de Moraes
- Leda Coletti - Cadeira nº 36 - Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti - Cadeira nº 37 - Patrono: Sebastião Ferraz
- † Maria Emilia Leitão Medeiros Redi - Cadeira nº 38 - Patrono: Elias de Melo Ayres
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza - Cadeira nº 3 - Patrono: Luiz de Queiroz
- Marly Therezinha Germano Percin - Cadeira nº 2 - Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani - Cadeira nº 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho - Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Alleoni - Cadeira nº 25 - Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti - Cadeira nº 39 - Patrono: José Luiz Guidotti
- Pedro Caldari - Cadeira nº 40 - Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Rosaly A. Curiaçes de Almeida Leme - Cadeira nº 7 - Patrono: Helly de Campos Melges
- Waldemar Romano - Cadeira nº 11 - Patrono: Benedicto de Andrade



ISSN 2177-2797



9 772177 279006



EQUILIBRIO
editora